

ILUSTRAÇÃO

N.º 230 — 10.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cômodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

- O Bôbo** (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10\$00
- Enrico, o presbítero**, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10\$00
- O monge de Cister**, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00
- Lendas e Narrativas** — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20\$00
- História de Portugal** (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96\$00
- Estudos sobre o casamento civil** — 284 páginas, brochado 10\$00
- História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30\$00
- Composições várias** — 374 páginas, brochado..... 10\$00
- Poesias** — 224 páginas, brochado..... 10\$00
- Cartas** (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20\$00

- Opúsculos:**
- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
 - » II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
 - » III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
 - » IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
 - » V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
 - » VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
 - » VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
 - » VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
 - » IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
 - » X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
- Cada volume, brochado..... 10\$00

- Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem**, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias.....	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Brasil.....	—	67\$00	134\$00
(Registada).....	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada).....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A dor envelhece

A dor corrói a nossa saúde. Tira-nos a alegria de viver e, — pior ainda —, faz-nos parecer mais velhos. Ora quem deseja aparentar uma idade superior à sua? Ninguém; nem tão pouco há necessidade disso. A ciência moderna livra-nos, quasi que instantaneamente, das dores nevralgicas, de cabeça ou de dentes. Um ou dois comprimidos de CAFIASPIRINA operam milagres; restituem-nos o bem-estar e as energias para emprender com êxito novas tarefas.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES" e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2. ^a edição), 1 vol. enc. 13\$000; br.	8\$00
Braz Cadunha — 1 vol. br.	6\$00
Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$000; br.	7\$00
Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$000; br.	7\$00
Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$000; br.	8\$00
Mudança d'Ares — 1 vol. br.	10\$00
Por terras estranhas — 1 vol. br.	4\$00
Meu (O) menino — (3. ^a edição), 1 vol. enc. 17\$000; br.	12\$00
Manual de Medicina Doméstica , indispensável em todas as casas (2. ^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina.	35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notavel obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 332 págs., no formato de 26×18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças — Sports — Humorismo — Música — Política — T. S. F. — Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricotés — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume.
Alexandre Herculano, um volume.
Antero de Figueiredo, um volume.
Augusto Gil, 1 volume.
Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
Eça de Queirós, dois volumes.
Fernão Lopes, três volumes.
Frei Luís de Sousa, um volume.
Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.
João de Barros, um volume.
Lucena, dois volumes.
Manuel Bernardes, dois volumes.
Paladinos da linguagem, três volumes.
Trancoso, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



BUSTO IMPECÁVEL

obtido em VOSSA CASA sem nenhuma dificuldade e SEM NENHUM PERIGO PARA A SAÚDE!

Se os vossos seios são insuficientemente desenvolvidos...
 Se os vossos seios são flácidos e descaídos...
 Se os vossos seios são muito volumosos...

QUERO AJUDAR-VOS

OS FAMOSOS
MÉTODOS
EXUBER

BUST DEVELOPER
pelo desenvolvimento dos seios
BUST REDUCER
pela redução dos seios
BUST RAFFERMER
pelo fortalecimento dos seios

RESULTADOS VISÍVEIS DESDE AS PRIMEIRAS APLICAÇÕES

Os três métodos são puramente externos e absolutamente inofensivos. Nada a observar, nenhum regimen especial, nem exercícios fatigantes. 25 anos de sucessos continuos. Recomendados por muitos médicos. Artistas de teatro e de cinema, universalmente admirados, devem os seus sucessos aos

MÉTODOS EXUBER

NÃO VOS DEIXEIS TENTAR POR OFERTAS ENGANADORAS

GRATUITAMENTE

As leitoras da «Ilustração» receberão pelo correio, em sobrescrito fechado, sem nenhuma indicação exterior, informações completas sobre os Métodos Exuber. Riscar o método que não interessar:

Desenvolvimento — **Redução** — **Fortalecimento**
 enviar em seguida com o nome e o endereço a Mme. Hélène Duroy, Div. 680, rue de Miromesnil, 11, Paris-8^e.

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E

COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um interessante livro para as crianças

A 2.^a EDIÇÃO
 muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês
Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres. **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Quando os insectos ameaçarem a saude de sua familia

Não faça experiencias com insecticidas de inferior qualidade



Decerto nunca pensou em comprometer a saude dos seus. Então para que fazer experiencias com insecticidas fracos? Esses pobres insecticidas não matam — nem o defendem dos tormentos causados pelos insectos — apenas servem para desperdiçar dinheiro.

Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destroi de facto os insectos, matando os e, quando pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado, a faixa preta e selada, para sua garantia contra as imitações.

Espalhe PÓ FLIT

Mata: formigas, pulgas, percevejos, baratas, traças, piolhos, etc.

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

A' venda o 3.º milhar da

A L E M A N H A ENSANGÜENTADA

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada
do pintor *Roberto*, broch. **12\$00**

Um livro destinado a um grande successo, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por
•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

75, Rua Garrett, 75—LISBOA

Extinga as suas SARDAS

com esta Cera Mágica
de Beleza



Esta nova cera introduz se na pele grosseira e áspera e amacia-a a tal ponto que a sua camada exterior, manchada e endurecida, cai, pouco a pouco, em pequenas particulas, de manhã, quando lavar o seu rosto.

A sua nova pele, fresca e branca, tão deliciosamente clara e aveludada como a dum bebé, surpreende-la-á e encanta-la á. As sardas, as feias marcas castanhas, a rugosidade e a secura da pele parecem muito simplesmente sumir-se.

Uma mulher de 40 anos pode facilmente parecer ter 30 ou mesmo menos. A Cire Aseptine, nova Cera Mágica de Beleza, limpa os poros da pele que o sabão não lava nunca, e desta maneira, preserva e triunfa dos poros dilatados e dos pontos

negros. Aplique a Cire Aseptine à noite, antes de se deitar, e veja em si mesma porque é que as mulheres lhe chamam Cera Mágica. Peça hoje mesmo a Cire Aseptine ao seu perfumista.

Á venda em todos os bons estabelecimentos

Não encontrando escreva á
AGÊNCIA TOKALON
88, Rua da Assução — LISBOA
que atende na volta do correio.

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE:—
2 0535

N.º 280—10.º ANO
16-JULHO-1935

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

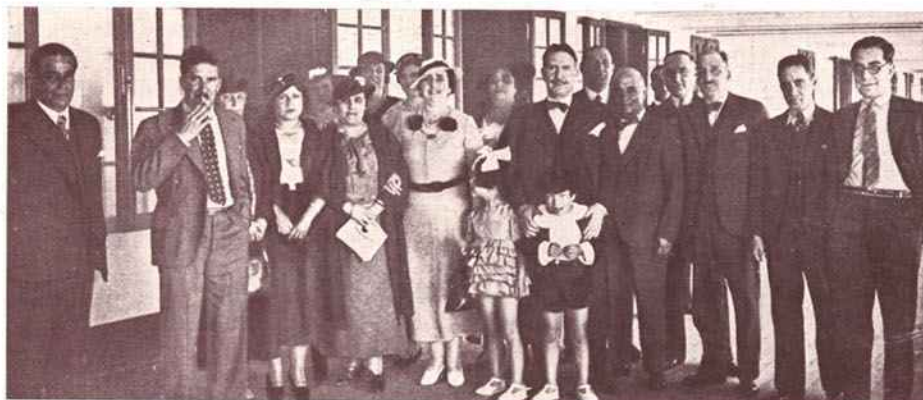
Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A viagem de Artur Brandão ao Brasil

O nosso querido director, sr. Artur Brandão, foi mais uma vez matar as suas saudades do Brasil. Amigo fervoroso dessa segunda pátria distante, não podia resistir a fazer-lhe a costumada visita. A nossa gravura apresenta-o com sua esposa, a bordo do «Cap Arcona», rodeado por pessoas de família e colaboradores que foram assistir ao seu embarque. Desejamos-lhe uma feliz viagem, recordando-lhe que, do lado de cá do Atlântico, milhares de amigos estão aguardando ansiosos o seu regresso.

Baile na Legação da Noruega

ALGUMAS das individualidades que assistiram ao baile oferecido na legação norueguesa em Lisboa à oficialidade do navio de guerra «Olav Tryggvason», a que nos referimos na secção «Vida Elegante».



Na ausência do sr. Artur Brandão, consul geral da Grécia, fica-o substituindo nestas funções o sr. Emmanouel Th. Pappámikail que, à sua grande inteligência, reúne uma alma de fervoroso heleno, pois quanto mais distante, mais ama a sua divina Helade gloriosa.



JOSÉ DE ESAGUY, o festejado autor da obra monumental «Marrocos» e doutras já no prelo, acaba de publicar o «Vocabulário português-árabe», com pronúncia figurada que se torna indispensável a todos os estudiosos. Este Esaguy é bem o crente fervoroso da «Oração à Pátria» que nos ensinou há 17 anos e que ainda não esqueceu. Que continui, pois, na sua obra patriótica.



A Lisboa Antiga que Matos Sequeira fez renascer dos alicerces do convento das Francesinhas teve, há dias, um espectáculo evocativo: uma festa setecentista. A nossa gravura representa uma briga à luz do luar como se usava naquele tempo de homens com sangue na guelra.

O dr. Augusto d'Esaguy que tem realizado com muito êxito, na Emissora Nacional, uma série de conferências, subordinadas ao título «Higiene e Profilaxia».



D. Maria Pia, quando Lady Jackson a viu nas festas de 24 de julho

Há sessenta e dois anos, visitou-nos uma ilustre dama inglesa, Lady Jackson, que, mais amável e verdadeira do que a princesa Ratazzi, reuniu as suas impressões num gracioso volume que intitulou: "A Formosa Lusitânia".

Nesta obra, traduzida e anotada por Camilo Castelo Branco, dedica a autora um extenso capítulo aos festejos de 24 de julho, comemorativos da entrada do duque de Terceira em Lisboa, após os encarniçados combates de Cacilhas e Almada com as tropas miguelistas.

Falava-se muito, nêsse tempo, numa possível união ibérica, chegando a ser indigitado rei da Península o nosso monarca D. Luiz, ou o próprio D. Fernando, seu pai.

A propósito, a ilustre senhora salienta que "por causa dos actuais sucessos da Espanha, e duns rumores que vogam de secretos esforços que se empregam para induzir os portugueses a deporem o seu rei e confederarem-se com os *Internacionalistas*, maior realce que o do costume se deu à celebração daquêlê aniversário".

Em boa verdade, Lady Jackson fez uma tão bela reportagem do que observou, que poucos reparos mereceu do severo Camilo, e êsses mesmos de pouca importância.

Eis o que ela nos conta:

"No dia 23 o cardeal patriarca de Lisboa celebrou missa na igreja dos Mártires, sufragando as almas dos heróis da liberdade que pereceram na expedição de 1833. Comandado pelo marechal conde de Vila Flôr, depois duque de Terceira (aqui Camilo emenda, lembrando

que o herói já era duque da Terceira desde 8 de Novembro de 1832) o exército bateu as forças miguelistas em Cacilhas e Almada; no dia seguinte passou o Tejo e assenhoreou-se de Lisboa clamorosamente saudado pelo povo a quem ia redimir da opressão e crueldade que o esmagaram durante a usurpação do despótico Miguel. A igreja dos Mártires carecia de espaço para conter a multidão. Os que vieram cêdo empilharam-se junto do altar-mór sofrendo tais entalçações e angústias que pareciam sacrificar-se mui espontaneamente ao martírio. A missa levou duas arrastadas horas; mas, apesar dos bastantes desconfortos e penas corporais que as solenidades religiosas infligem, aquilo impressionava grandiosamente.

"Além disso, o gentio que debalde tentara entrar na igreja, esperava lá fóra para contemplar os homens distintos, na milícia, na política e nas letras, que tinham assistido à missa, e dali se destinavam à Igreja de S. Vicente de Fóra — templo magnífico cimentado por D. Afonso Henriques, conquistador da moirisma, e consagrado à memória dos que morreram a seu lado propugnando o resgate do seu país.

"Na igreja de S. Vicente está sepultado o duque de Terceira. O duque de Loulé, o marquês de Sá da Bandeira, e diversos fidalgos e homens eminentes visitaram-lhe a sepultura, oraram e depuzeram sôbre ela uma grinalda de perpétuas. O orador, panegirista dos patrióticos sentimentos que impulsionaram os feitos do finado duque, declarou solene e energicamente que "idêntico era o pensar da Nação Portuguesa. Os seus conterrâneos — disse êle — se levantarão como um só homem para se defrontarem do mínimo agravo feito à sua liberdade, e rebateriam até à última qualquer tentativa contra os gloriosos feitos que preferiram em sanguinosas lutas."

"*Vivas à liberdade* retroaram então nas abóbadas, e reboaram por entre os sepulcros dos reis. Estranhei tal gritaria na mansão da morte! Disseram-me que assim se proclamava a aliança travada entre os princípios da antiga monarquia portuguesa e democracia do actual regime estabelecido pela *Carta Constitucional*. Como quer que seja, o possível desfecho do movimento cartista, e a influência que o seu bom êxito pode vir a ter, alentando as esperanças do ainda existente posto que diminuto partido miguelista; e, de mais a mais, o saber-se que em Lisboa e em outras cidades existem emissários internacionalistas espanhóis — tudo isto é causa a que se ligue

VINTE E QUATRO

Como Lisboa festejou, 40 anos depois, esta gloriosa data e como uma escritora inglesa

importância, que em outro tempo não se daria, a actos e palavras dos homens publicos. Afirma-se que o governo pretende assim manifestar que está de sobrebrevio e disposto a repelir qualquer tentativa, quer externa, quer interna, tendente a perturbar o sossego do país.

"Em geral — frisa a interessante jornalista britânica — os portugueses repugnam totalmente à ideia de união, que por vezes tem sido inculcada como enlace propício às duas nações. "Nunca! nunca!" é o grito geral onde quer que tal ideia se suscita. Alegam que tem pátria independente, e jãmais consentirão ligar-se provincialmente a Castela, ainda mesmo que lhes propuzessem aceitar o seu próprio rei; e na hipótese dalguma tentativa hostil de Espanha em absorver Portugal, exclamam: "Perseguidos podemos ser, vencidos nunca! Na grande batalha de Aljubarrota o jugo de Castela caiu para sempre!

"Setubal, Almada, Cacilhas e outras povoações além-Tejanas, por onde o duque com a sua expedição passara victoriosamente, depois que aportara no Algarve, tiveram os seus festejos preliminares no dia 23. Os vapores que de meia em meia hora navegam entre Lisboa e Cacilhas, transportavam imenso concurso de gente. Os botes embandeirados de pópa à prôa, iam fretados por gente que fazia grande algazarra e assim alegrava os dez minutos de viagem. Tanto à ida como à vinda, deitavam foguetes que são sempre elemento obrigado nas festas portuguesas. Todo o dia se ouviã; pôsto que, à grande luz do sol, se lhes não vissem os vestígios. Em Lisboa ouviamos os de Cacilhas, que de noite subiam as centenas de cada vez, formando com a iluminação da vila uma linda vista para quem estivesse à orla do rio."

E Lady Jackson vai descrevendo minuciosamente tudo o que viu nêsse festivo dia de 24 de julho de 1873, sendo rei o senhor D. Luiz I.

Ao narrar o *Te-Deum* na igreja de S. Domingos, diz que "o altar-mór, apilado de fino mármore com belas esculturas em alabastro, resplandecia brilhantissimo de lumes. O espaço central ou pavimento da igreja tinha alcatifa, sôbre o qual mil e duzentas cadeiras aguar-

DE JULHO DE 1833

depois, esta gloriosa data
pode reproduzir o que viu

davam os espectadores; além disto, havia bancadas lateralmente ao correr dos altares. As cadeiras do rei e da rainha, armadas sôb um docel, eram de damasco azul e amarelo, com molduras douradas de extremada escultura. O patriarca também tinha a sua cadeira, mas em docel apartado. Conquanto resplandecesse tanto como as reais, eu não podia descortiná-lo abafado pelos magníficos ornamentos de gala que só de per si embelezavam os olhos. Pompeava antigas e riquíssimas rendas que deviam de fazer inveja às damas. A mais de uma ocorreu talvez a irreverente ideia de guarnecer um vestido de veludo com as rendas do patriarca.

"A rainha, conquanto não seja bonita, figurou-se-me interessante, amável e *muito simpática*, no dizer dos portugueses. Trajava um belo vestido de seda clara guarnecido de barras de setim azul, chapéu branco enflorado. O rei vestia uniforme de general, com que depois passou revista às tropas. Parece-se muito com sua mãe, a falecida rainha. Branco de rosto, loi-



ro de cabelos, mais branco e loiro parecia ainda — e quasi singular por isso entre os personagens de têt trigueira e bronzada que formavam o seu cortejo. Tem disposições para o *embonpoint*, o que lhe torna mais sensível a semelhança com D. Maria II.

"D. Fernando e D. Augusto — que é alto, e mais á feição do pai que o rei — entraram juntos antes da chegada de D. Luiz e da rainha: parece que é isto etiqueta usual, observada nas solenidades em que o rei e o rei viuvo concorrem. D. Fernando vai encanecendo; mas notei-lhe os mesmos ares cortezes e donairoso garbo doutro tempo. E, quanto merece sê-lo, popular como sempre; pois que, além da benéfica influência que tem exercido nas Artes, Portugal deve-lhe muito. Tem-se mostrado sempre sincero amigo da sua pátria adoptiva. Deram-lhe crises em

que o reino, alterado pela anarquia das facções políticas, durante o período tu-

multuoso do reinado de D. Maria II, foi salvo pela prudência e moderação dos seus conselhos. E também, pelo modo como êle e a rainha dirigiram a educação de seus numerosos filhos, deram exemplo aos fidalgos e abastados do reino, que felizmente lho seguiram. Resultou daí o ampliar-se mais a instrução, cujos benéficos efeitos vão abrangendo gradualmente ambos os sexos e todas as classes."

Como se vê, nada escapou á nossa ilustre visitante de há sessenta e dois anos. Pode até dizer-se que foi a gentileza em pessoa, tratando as coisas com a maior imparcialidade e sem os entusiasmos latinos que nem sempre traduzem a pureza dos sentimentos que os exteriorizam.

Bom é que se saiba e



Duque da Terceira

que lhe prestemos a justiça da nossa recordação para que não nos chamem ingratos ou esquecidos.

Agora, que já lá vão tantos anos, que tudo passou parecendo não deixar resquícios de lembrança, surge a recordação que os velhos papéis nos apontam e tornam sempre viva.

É tão bom recordar!

Que seria dos velhos se não tivessem êsse recurso? Bem nos dizia o poeta ao fitar o seu passado distante que

"Recordar é viver!"

E é, fiquem certos os novos e os que já não o são!

É certo que quando nós fitamos o tempo que já lá vai encontramos atrás de nós uma multidão de cruces, um verdadeiro cemitério.

Todos ou quasi todos os que amamos se finaram e desapareceram para sempre. Para sempre, calculamos nós, embora se diga que, um dia, nos juntaremos todos ao toque da terrível trombeta do Juizo Final no vale de Josafat.

Continuaremos a acreditar. Mas enquanto não chega o dia da confirmação ficamos-nos a recordar o que passou.

Se assim não fôsse para que seria precisa a Historia!

Sim, para quê?

Fale quem souber...

HÁ dois anos, precisamente, acompanhando o poeta Delfim Guimarães à estação do Rossio, donde quasi diàriamente tomava o comboio para

a Amadora, perguntámos-lhe:

— Então, êste ano, onde tenciona ir veranejar?

O poeta fitou-nos com amargura, possivelmente até com lágrimas mal disfarçadas, e respondeu singelamente:

— Para a minha casinha de Benfica!

Não compreendemos, mas não insistimos na pergunta.

Ele, que tão ardentemente cantara os ares do Minho, que tanto queria ao Pôrto que o vira nascer, que tanto amava a Ilha da Madeira, ia meter-se em Benfica, numa vivenda qualquer que tivesse construído ou alugado?!

Delfim Guimarães, sofrendo do coração, custava-lhe imenso subir a mais suave ladeira. Após alguns passos, parava ofegante, e lamentava-se:

— Ah! meu amigo, como é triste envelhecer!

Nessa formosa tarde de 4 de julho de 1933, em que o acompanhamos à estação e nos despedimos para sempre, o inspirado poeta da "Alma dorida," ia triste, tão triste, que nos contagiou da sua tristeza.

No dia 6, o nosso querido amigo Paulo Martins Cabral informava-nos telefonicamente de que Delfim Guimarães havia falecido.

Os seus restos mortais deveriam ser trasladados para o jazigo que, onze anos antes mandara construir — a tal casinha de Benfica de que nos falou no momento da nossa despedida.

Mas como poderíamos compreender, se tínhamos bem presente aqueles versos que envolviam uma disposição testamentária?

*Quando eu morrer, também quero ter o conforto
De dormir, sossegado, uns soninhos letais,
Na casa de Agramonte, o meu solar do Pôrto,
Numa alcôva contígua ao quarto de meus pais!*

Em frente do seu cadáver, sereno como se estivesse dormindo, tivemos a impressão de que a sua alma — a sua alma tão simples e bondosa — desprendida do in-

vólucro terreno, deveria sentir-se satisfeita nas paragens ignotas para onde adejara. O féretro estava juncado de flores.

Delfim Guimarães tinha deixado, escrita,

EVOcando DELFIM GUIMARÃES

muitos anos antes, a seguinte disposição:

*Tem sido para mim tão dolorida
A travessia dêste mundo impuro,
Que a minha pobre alma anda vestida
Sempre, sempre de escuro!*



*Quando eu morrer, quando deixar a Vida,
Esta senda espinhosa, êste monturo,
Parentes meus, para a letal jazida,
Não me vistam de escuro!*

*Quando eu morrer, ó mãos abençoadas,
Cobri o meu cadáver, às braçadas,
De lírios e açucenas.*

*É a mortalha original, sagrada,
Que se apropria à alma enlutada
De quem sofreu mil penas!*

Pobre Delfim! Repousa finalmente em paz na sua casinha do cemitério de

Benfica! Aos dois solares que possuía, um em Ponte de Lima e outro em Agramonte, juntava mais aquê para si e para os seus filhos.

A sua vida foi sempre triste porque a sua sensibilidade não se podia aclimatar a êste mundo. Aos vinte e um anos de idade, quando tudo nos parece sorrir e acariciar, numa tentação deslumbradora, Delfim Guimarães escrevia:

"Desejam uns a Morte. Outros têm-lhe horrôr, Mas se aos mortos fôsse dada a faculdade de volver à Vida, creio bem que todos nós procuraríamos a Morte, quando mais não fôsse, para satisfação da nossa curiosidade. Além de que a Morte não é tão feia como a pintam — julgo eu..."

Isto para um rapaz na flôr da idade, é mais do que significativo. Arrastou a existência durante sessenta e um anos por êste mísero planeta, e se mais cedo não desferiu vôo a regiões mais serenas, é que o amor dos seus o forçava a ficar.

Dolorosíssimo transe deveria ter sido o seu, ao aperceber-se da aproximação da Morte que, se o conduzia ao seio da sua Mãe onde tantas vezes reclinara a cabeça fatigado pelos folguêdos da infância, também o separava das suas queridas filhas e da espôsa, companheira desvelada de tantos anos que sempre compartilhara um grande quinhão nas suas amarguras. Ah! se elas o acompanhasssem!

Se pudessem juntar-se todos num país distante, onde não chegasse a maldade humana e onde a inveja rancorosa não tivesse quem a representasse!

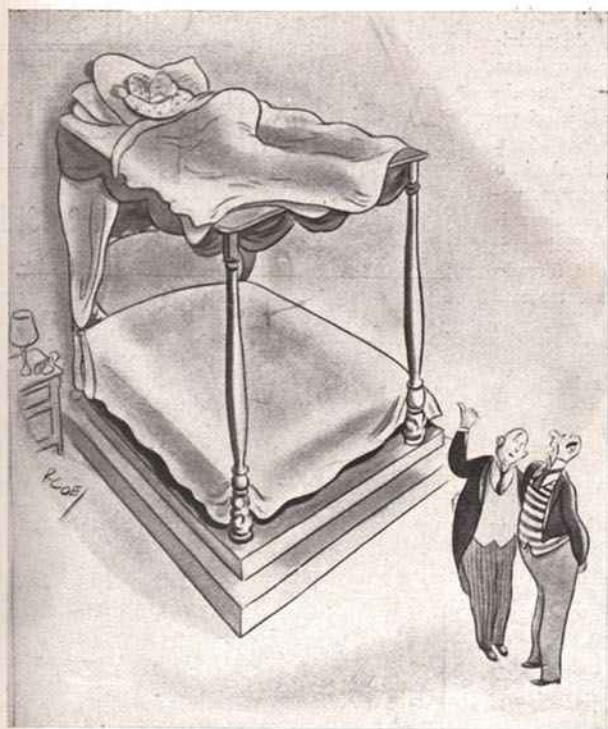
Se isso fôsse possível...

Mistérios do Além-Túmulo!

Passando, há dias, pela sua casinha de Benfica, fômos bater-lhe ao ferrôlho. O seu morador dormia, e não quizemos perturbar-lhe o sono tão bem merecido ao cabo duma trabalhosa existência.

De lágrimas nos olhos enviamos-lhe um adeus que pode ser compreendido por um esperançoso: "Até breve, Delfim!"

HUMORISMO



— Tem muito medo dos ratos...

Um padre passava por uma estação de caminho de ferro quando, do lado de lá dum combóio de mercadorias parado numa linha de desvio, chegou até êle o som duma série de pragas retumbantes. Deu a volta por trás do último vagão e viu dois carregadores que faziam esforços desesperados para meter uma mula no combóio. O animal opunha uma resistência obstinada e era em vão que os carregadores tentavam fazê-lo embarcar.

O padre aproximou-se compassivo e dirigiu-se aos homens, dizendo:

— Está difícil, hein?! Posso ser-lhes útil, amigos?

Um dos carregadores olhou-o pensativo, passou a mão pela testa coberta de suor e respondeu:

— O senhor, que é padre, é que podia explicar-nos como conseguiu Noé meter dois animais destes dentro da Arca...

Cena dum drama:

Ele — Basta! É o primeiro conflito entre nós dois, mas será o último. Depois do que me disseste não podemos continuar a viver sob o mesmo tecto. (*Levanta-se e dirige-se para a porta*) Vou-me embora. Talvez um dia te arrependas, mas será tarde. Adeus!

Ela (*lacrimosa*) — Onde vais?

Ele (*em tom trágico, com a mão no fecho da porta*). Para longe... muito longe. Onde os nossos destinos não mais se tornem a cruzar. Cruzarei os mares, afrontarei a morte... para esquecer. (*Abre a porta, torna a fechá-la e volta para dentro*) Tens sorte! Está a chover a potes...

Junto duma cabine telefónica, um indivíduo aguarda o momento de poder telefonar. Mas lá dentro uma senhora folheia interminavelmente a lista e o tempo vai passando sem que ela pareça decidida a sair dali.

Farto de esperar, o sujeito aventura a cabeça pela porta da cabine e oferece-se, amavelmente,

para ajudar a procurar o número do telefone.

— Não é preciso, muito obrigada — responde-lhe a senhora — Não procuro número algum. Estou a ver se encontro um nome bonito para meu filho, que vou baptizar amanhã.

— É facto, meu amigo, que lhe tinha prometido um aumento, mas com a condição de não me desagradar.

— Mas... senhor director... Desagradei-lhe, porventura?

— Sim! Agora mesmo, quando me pediu o aumento.

Serapião é um rapaz extremamente distraído. Esta pecha revela-se a todo o momento em incidentes picarescos e impertinentes. Vamos contar a última que lhe aconteceu e que excede tudo em singularidade.

Serapião reconheceu, com a ajuda de alguns comentários

discretos dos amigos, que precisava de fazer a barba. E dirigiu-se para isso a um estabelecimento da especialidade.

O barbeiro procedeu á operação com a meticulosidade e graça que são o apanágio da profissão e ao terminar verificou que o cliente não se mexia. Ensaiou dois ou tres «às ordens de V. Ex.ª» de intensidade crescente, mas como, mesmo assim, Serapião continuasse imóvel sacudiu-o delicadamente, dizendo:

— Adormeceu?

Só então o homem se agitou na cadeira, passou a mão pela cara e explicou:

— Não! Não adormeci. Mas, como sou muito míope, quando tirei os óculos deixei de me ver no espelho e julguei que tinha ido para casa.

— Sabes? Vou ter um irmão — diz um garoto a outro, em confidência.

— Como sabes que é um irmão e não uma irmã — objecta-lhe êste, que tinha o hábito da discussão.

— É um irmão — insistiu o primeiro — Há tempo a mamã esteve doente e nasceu uma menina. Agora é o papá que está doente...

Três amigos resolvem organizar um *pic-nic*.

— Eu levo um peru — diz um deles.

— E eu cinco litros de vinho — diz o outro.

— E eu levo o meu irmão — concluiu o terceiro.

Simplicio encontrou um amigo que o convidou para um baile de beneficência num asilo de surdos-mudos.

— Vem — disse-lhe êle — e não te arrepende-rás. Há por lá lindas raparigas.

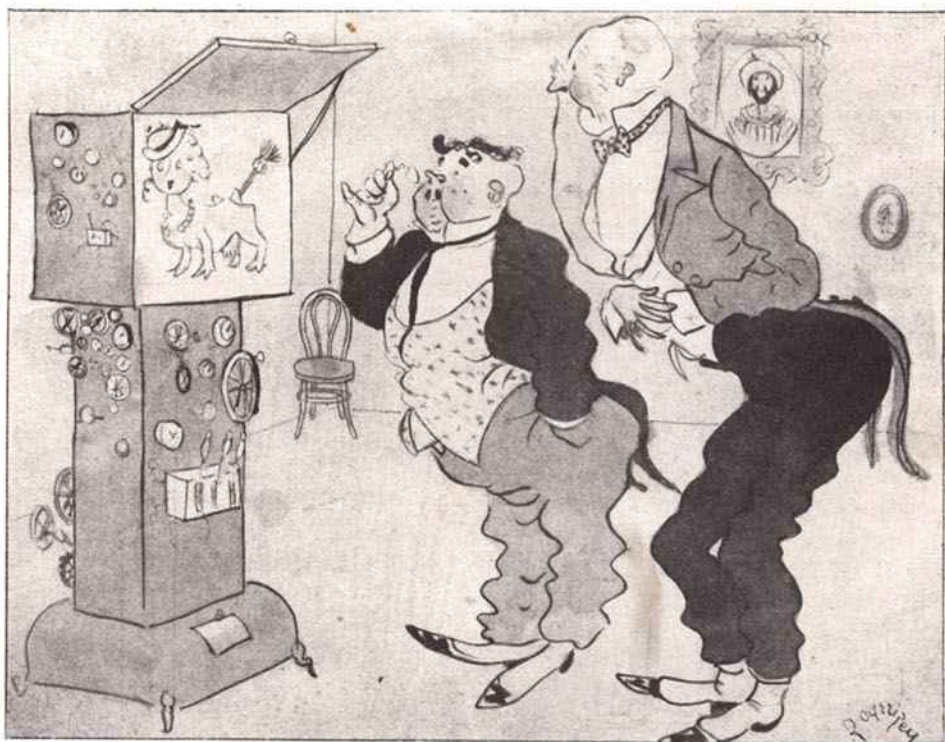
— Mas como hei-de fazer para as convidar para dançar.

— E' muito fácil. Chegas ao pé duma delas, inclinas-te e sorris.

Simplicio foi. Viu uma formosa rapariga e fez como lhe haviam dito. Embora não conversasse, Simplicio achou o seu par tão encantador que dançou três vezes seguidas com ela. Quando ia convidá-la pela quarta vez, atravessa-se-lhe no caminho um cavalheiro que diz para a senhora:

— Então, querida, quando danças comigo? Há quanto tempo espero a minha vez.

— Desculpa, meu querido. Mas êste idiota d'êste surdo-mudo não há maneira de me largar...



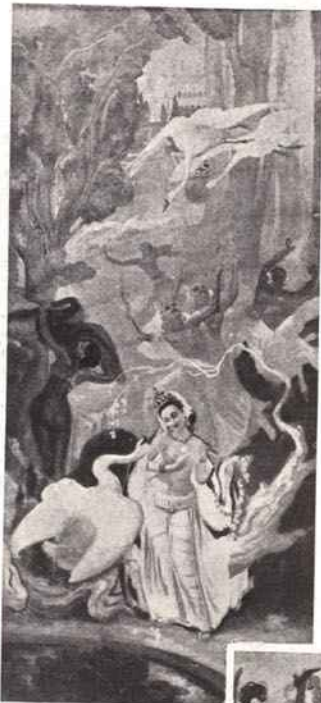
OS PROGRESSOS DE TELEVISÃO

— O único defeito é ser pouco selectivo. Uma vez por outra há interferências...



«Tântalo» por Raymond Ri-votre
 teerssam pela vida do espírito se a este acréscimo de actividade artística correspondesse a aparição de novos talentos. Mas não sucede assim, dizem os criticos estrangeiros. O nivel geral apresenta-se duma mediocridade desoladora. Não são por isso menos dignos de elogio o artista e o critico. O primeiro pela sua perseverança em produzir, a despeito da crise desanimadora. O segundo por ter a sua tarefa desmedidamente aumentada, sendo, como é, forçado a descobrir os verdadeiros talentos entre uma multidão de habilidades vulgares.

■
 Damos nestas duas páginas uma selecção de algumas das obras mais representativas que fi-



A' direita: «Lenda Indu» por Lagneau. Em baixo: «Formatura sob o bombardeamento» por Georges-Paul Lerox.

Tubo parece indicar que a nossa época é pouco propicia ao florescimento das artes. Os homens de hoje, assoberbados por um número crescente de dificuldades, não lhes podem prestar o merecido culto. A depressão mundial tem por isso de se reflectir inevitavelmente nos domínios do espírito.
 E, contudo, por um curioso paradoxo, as grandes exposições internacionais sofrem de crise — mas crise de abundancia. Quadros e esculturas afluem a esses certames em quantidades impressionantes. E os jurys encarregados de se pronunciar sobre o seu valor, vêm-se desorientados ante essa avalanche de produções.
 Seria, decerto, motivo para nosso regozijo de quantos se in-



«A troupe» por Emile Dautmergue



«Camponesa no mercado» por Georges Hamard

guraram nos «Salons» de Paris e Londres, os dois principais acontecimentos artisticos do Mundo.

Na página da esquerda estão representados quadros e esculturas que os artistas franceses enviaram á sua maior exposição anual. Na da direita trabalhos de artistas británicos que a critica pôs em evidencia, e cuja exposição fez parte do programa das Festas do Jubileu de Jorge V.

Na opinião dos técnicos, as escolas franceza e britânica tendem hoje a aproximar-se de maneira sensível. Em todo o caso, a pintura inglesa marca ainda superioridade de execução, so-

CRISE DE ABUNDANCIA

As artes no estrangeiro

Revelações de pintura e esculturas em exposições de Paris e Londres



breitudo no retrato. Além disso, os grandes pintores británicos tratam o nú com uma espiritual delicadeza e abordam com maior êxito certas cenas da vida moderna. O quadro das tenistas no fim da última página é um exemplo que merece ser considerado.

A título de curiosidade incluímos ainda na página da direita dois quadros de Stanley Spencer que a Academia britânica não admitiu na expo-



sição. Trata-se como se vê de obras de estranha concepção e nebuloso simbolismo, mas em que se afirma um vigoroso temperamento de artista digno de atento exame.
 No conjunto dos trabalhos expostos verifica-se este facto: os artistas contemporâneos ou se limitam a copiar passivamente os modelos já tradicionais ou se inclinam para um modernismo á outrance, que em certos casos conduz aos piores exageros. Além disso, as revelações de talentos vigorosos e originaes cedem o lugar a exhibições duma técnica se-

Do lado esquerdo: «Jogadoras de squash de Glasson». Do lado direito: «Jogadoras de squash» de Veronica Bartleigh

«A Verdadeir com a Discrição e a Pa-ciência», por Russell Flint



Dois quadros de Stanley a que foi recusada admisión no «Salon» de Londres. A' esquerda: «S. Francisco e os seus». A' direita: «Os amantes»



AVES QUE PESCAM

Um curioso processo empregado na China e no Japão para apanhar peixe

côrvo marinho, é duma voracidade inconcebível. Mergulha admiravelmente e faz dos peixes a sua alimentação. Desde tempos imemoriais que estas características naturais são aproveitadas na China e no Japão para a apanha do peixe. O alcatraz é assim para os pescadores o mesmo que o falcão para os caçadores.

Nos começos do século XVII este singular processo de pescar foi introduzido na Europa, mas, sob a forma dum desporto que conheceu grande voga na Holanda, França e Inglaterra. Na côrte britânica existiu mesmo o cargo de encarregado dos alcatrazes, que era desempenhado por um dos oficiais da guarda real.

No Extremo Oriente o costume subsiste e, segundo parece, com apreciáveis proveitos para os pescadores que o utilizam. De facto, os alcatrazes são infatigáveis. Diz-se que chegam a apanhar cem peixes numa hora.

Submetem-se facilmente ao captiveiro e mostram-se facilmente domesticáveis. De começo, colocam-se-lhes coleiras que os impedem de engulir o peixe que apanham. A sua natural voracidade faz com que apesar disso os alcatrazes se entreguem com ardor à sua faina.

A medida que as aves se vão adaptando à domesticidade esta precaução deixa, porém, de

ser necessária. O alcatraz nunca deixa de trazer ao seu dono tudo que consegue apanhar, e só quando o autorizam pesca para si.

É curioso notar também que quando um alcatraz apanha um peixe demasiado grande que não pode segurar, um dos outros vem imediatamente em seu auxílio.

As gravuras que acompanham estas linhas



mostram: à esquerda, um pescador japonês colocando a coleira no pescoço dum dos seus alcatrazes; e à direita, o mesmo com os seus «ajudantes», no momento de embarcar para a pesca.

ENTRE os processos de pescar adoptados pelo homem, um dos mais curiosos é, sem dúvida, o praticado pelos japoneses que utilizam para êsse fim uma ave marinha, conhecida pelo nome de alcatraz.

O alcatraz, a que também se dá o nome de

As caricaturas de Bielkine em papel recortado



VLADIMIR BIELKINE é um artista russo que se naturalizou holandês e vive actualmente em Amsterdão. Há muito tempo que era conhecido como pintor e desenhador de merecimento, mas a sua celebridade só começou no dia em que as suas famosas caricaturas em papel recortado principiaram a ser conhecidas.

Foi de facto Bielkine o primeiro a recorrer a esses meios tão simples como são o papel, o cartão e uma tesoura para criar figuras grotescas que são verdadeiras obras primas de observação e humorismo.

Reproduzimos acima quatro das suas mais felizes caricaturas que são, da esquerda para a direita, as de Bernard Shaw, Dayid Lloyd George, Maurice Chevalier e Gandhi.

A primeira destas caricaturas é particularmente curiosa porque foi ela que determinou a escolha pelo artista desta modalidade da caricatura. Bielkine ofereceu a alguns amigos íntimos uma pequena festa no seu atelier de Amsterdão. Falou-se da Rússia e alguns convivas insistiram com êle para que lhes descrevesse o país onde nascera. Com o auxílio duma tesoura e dum bocado de papel, Bielkine improvisou

um mapa que alguém se lembrou depois de pregar numa das paredes do quarto do artista.

Ao acordar no dia seguinte, Bielkine viu o mapa improvisado e saltou-lhe ao espirito que êle tinha grande semelhança com o célebre escritor Bernard Shaw. Logo lhe veio a ideia de aperfeiçoar o trabalho. Deitou mão duma tesoura e pôs-se à obra.

O resultado pode o leitor avaliá-lo pelo que as nossas gravuras mostram. Como todos os verdadeiros artistas, Bielkine obtem os mais poderosos e sugestivos efeitos com os processos mais simples e primitivos.

QUESTÕES CIENTÍFICAS

10 gramas de água — por 600 escudos

Um sábio norueguês realiza experiências sobre si próprio, ingerindo pequenas doses de "água densa"

MUITO se tem falado e escrito nos últimos tempos sobre a "água densa", a que, numa tradução talvez menos feliz, se chamou já também "água pesada".

Para o leitor que não acompanhe de perto o movimento científico a expressão

Urey o prêmio Nobel da Química no ano findo.

Diversos outros sábios se dedicaram ao estudo da questão. Lewis e Macdonald conseguiram preparar meio grama de água, dois terços da qual era "densa". Os processos foram-se aperfeiçoando e hoje já é possível produzir a "água densa" em quantidades apreciáveis. Uma sociedade norueguesa especializou-se nesta produção. Mas as laboriosas operações que ela exige fazem com que o preço de custo da "água densa" regule ainda por 60 escudos da nossa moeda cada grama.

A "água densa" encontra-se dispersa na Natureza. Calcula-se que exista na água das nascentes e das chuvas na proporção de 1 para 7.000.

Julgou-se a princípio que a "água densa" era abiótica, isto é, incompatível com a vida orgânica, como o azoto, por exemplo. Está já demonstrado que não é assim. Certas bactérias conservam toda a



O professor Urey que descobriu a «água densa»

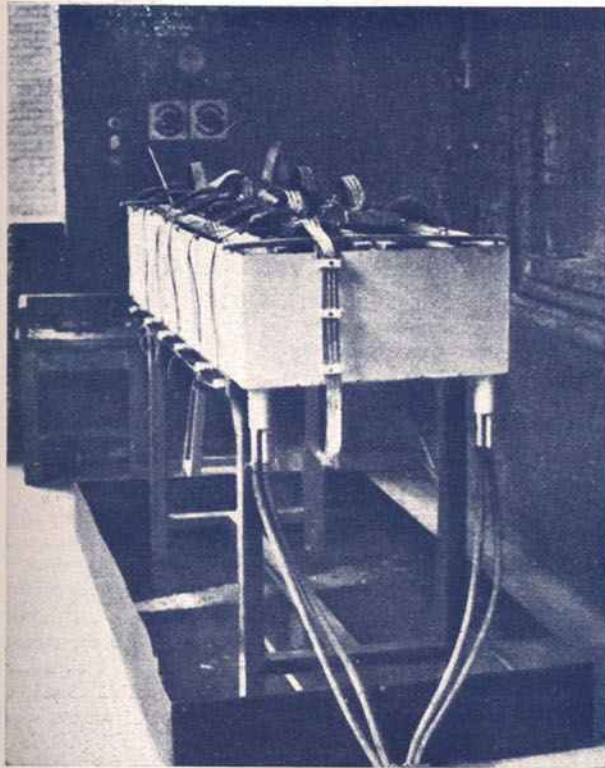
vitalidade em concentrações de 92 a 97 % de "água densa". O pólen também ali germina normalmente. Pelo contrário, os protozoários e pequenos vertebrados sucumbem na "água densa" e a germinação das sementes não se produz.

Como se calcula, a acção biológica da água pesada sobre o organismo humano é ainda um mistério. Por isso um sábio norueguês, o prof. Klaus Hansen, da Faculdade de Oslo propôs-se realizar experiências sobre si próprio. Ingera para esse fim dez gramas de "água densa" por dia e projecta aumentar progressivamente a dose.

Ainda é cedo, portanto, para dizer que papel está reservado à "água densa".

E é para esclarecer esse ponto obscuro que o professor Klaus Hansen ingera por dia dez gramas dum líquido incolor, igual na aparência à água vulgar.

E essas dez gramas de água representam, no estado actual da ciência, um valor de seiscentos escudos!

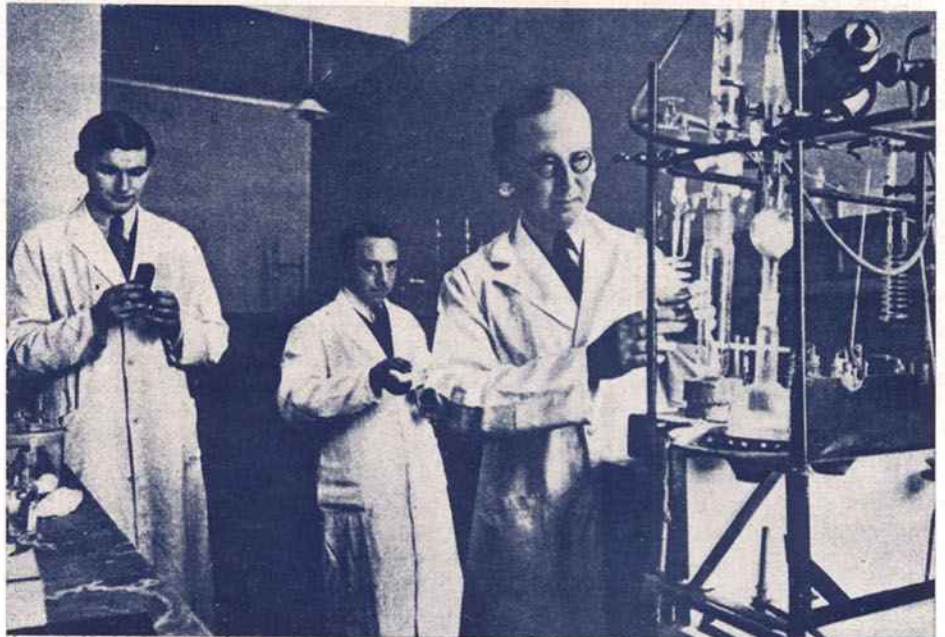


A' esquerda: Um aparelho para preparação da «água densa». Em Baixo: O prof. Klaus Hansen no seu laboratório

apresenta-se despida de significado. A primeira ideia que se lhe apresenta ao espírito é de que existem pelo menos duas espécies de águas. E fará mal se a repelir por absurdo, porque terá andado muito perto da verdade.

Ninguém ignora que a água se compõe de oxigénio e hidrogénio. Durante muito tempo a física considerou o hidrogénio como formado de átomos todos iguais entre si. Verificou-se mais tarde que não era assim. Certos átomos têm uma massa dupla. Existe portanto um hidrogénio pesado a que se deram sucessivamente os nomes de *deuterium*, *diplogénio* e *deuton*.

A descoberta deste facto deve-se ao sábio americano Harold Clayton Urey que em 1932 conseguiu pela primeira vez identificar o *deuton* e produzir a "água densa", com a colaboração dos seus colegas Brickwilde e Murphy. Esta descoberta, uma das mais notáveis dos últimos tempos, valeu a





Soror Mariana, desenho de Craig e grav. de Macdonald

Pois há tempos apareceu um médico com tendências perfunteramente investigadoras a garantir num succulento trabalho todo decalcado na obra do erudito Luciano Cordeiro que a freira tinha pancada na mola, isto é, que sofria de masoquismo. Aquela frase que a sempre cada vez mais desditosa sôror teria rabiscado pedindo que a fizessem sofrer mais ainda, e que em francês deu: "adieu, ayez-moy toujours, et faites-moy souffrir plus des maux!" como seria no original?

Filinto Elísio interpretou-a por: "adeus, ama-me sempre; e venham embora padecimentos"; o Morgado de Mateus converteu-o em: "adeus, ama-me constantemente e faze-me padecer ainda maiores males.", e Luciano Cordeiro rendilhou-a assim: "adeus, ama-me sempre e faze padecer, mais ainda, a tua pobre Mariana".

MAIS um ano sôbre a morte da desventurada Sôror Mariana Alcofaredo, cujo único delito foi deixar-se enfeitigar pelos encantos do ingrato Chamilly que nunca chegaria à posteridade, apesar das pompas do marechalato, se não fossem as apaixonadas missivas que a freira lhe escreveu.

Que a pobre Mariana escreveu umas sentidas cartas ao seu bem amado, temos a certeza. Mas onde param os originais?

É bom ter presente que Rousseau declarou "apostar tudo em como as "Cartas" foram escritas por um homem"; que Alexandre Herculano não deu o menor crédito à tradição que as atribui a Sôror Mariana, e que o próprio Camilo Castelo Branco diz no seu "Curso de Literatura" que "o torneio, a indole e a contextura da frase rescendem a olorosas meiguices do género epistolar francês".

Soror Mariana, grav. de Coster



quanto mais tu me batas mais gosto de ti.

Seria interessante ler as cartas no original. Quantas surpresas nos reservariam?

Quem sabe se não ocultariam o seu delitinho gramatical e até uma ou outra falta ortográfica?

Ora, se em vez dum capitão de cavalaria como Chamilly, se tratasse dum poeta como Gonçalves Crespo, o desti-

AS CARTAS FREIRA

Onde param os originais enternecidas missivas que Sôror Mariana escreveu a Chamilly?

natário, feliz por tão amado ter sido, preferia esses cinco enternecidos salmos de amor com aquela quadra encantadora das "Miniaturas":

*Eu não dava as tuas cartas
Por jóias de alta valia;
São mais lindos que as estrelas
Teus erros de ortografia!*

Mas essas cartas, boas ou más, não chegaram até nós, sabendo-se apenas que foram traduzidas em francês e publicadas em 1669 por um tal Claude Barbin, livreiro de Paris que se fartou de ganhar dinheiro com a iniciativa.

Em face desta edição verificamos que a freira portuguesa tem destes desabafos:

"...Hélas! les miens (yeux) sont privez de la seule lumière qui les amimaît, il ne leur reste que les larmes, et je ne les ay employez à aucun usage qu'à pleurer sans cesse, depuis que j'appris que vous estiez enfin résolu a un eloignement, que m'est insupportable, qu'il me fera mourir en peu de temps..."

LETTERE AMOROSE PORTUGHESI
Frà vna Dama di Portogallo, & vno Cavaliero di Francia.

Transportate dal Portoghese in Francese, E dal Francese in Italiano.

PER NARBONTE PORDONI.

DEDICATE

All' Illustris. & Eccellentis. Sign. Sig. Patron Colendis. il Sig.

FEDERICO MARCELLO.



IN VENETIA, M.DC.LXXXVII.

Appresso Pontio Bernardon, à l'Insegna del Tempo.

Con Licenza de Superiori, e Privilegio.

Edição italiana das "Cartas de Sôror Mariana", em Veneza, 1662

O Morgado de Mateus traduziu:

"...Creio mesmo que não tornarei a escrever-te. Acaso tenho de dar-te exacta conta de todos os diversos movimentos do meu coração?..."

Luciano Cordeiro limitou-se à seguinte tradução mais do nosso tempo:

"...Creio até que não tornarei a escrever-lhe. Tenho alguma obrigação de lhe dar conta da minha vida?..."

Outros escritores traduziam as cartas consoante lhes deu na realíssima gana.

Assim, não podemos fazer uma ideia do que teriam sido as missivas da freira, se é que algum dia as escreveu.

Houve quem se abalancasse a fazer fé por hipotéticos documentos que, à semelhança das moedas, foram cambiados e recambiados entre a França e Portugal, perdendo, por conseguinte, a primitiva forma.

Assim, não podemos fazer uma ideia do que teriam sido as missivas da freira, se é que algum dia as escreveu.

Houve quem se abalancasse a fazer fé por hipotéticos documentos que, à semelhança das moedas, foram cambiados e recambiados entre a França e Portugal, perdendo, por conseguinte, a primitiva forma.

Assim, não podemos fazer uma ideia do que teriam sido as missivas da freira, se é que algum dia as escreveu.

Houve quem se abalancasse a fazer fé por hipotéticos documentos que, à semelhança das moedas, foram cambiados e recambiados entre a França e Portugal, perdendo, por conseguinte, a primitiva forma.

Assim, não podemos fazer uma ideia do que teriam sido as missivas da freira, se é que algum dia as escreveu.

Houve quem se abalancasse a fazer fé por hipotéticos documentos que, à semelhança das moedas, foram cambiados e recambiados entre a França e Portugal, perdendo, por conseguinte, a primitiva forma.

Assim, não podemos fazer uma ideia do que teriam sido as missivas da freira, se é que algum dia as escreveu.

Houve quem se abalancasse a fazer fé por hipotéticos documentos que, à semelhança das moedas, foram cambiados e recambiados entre a França e Portugal, perdendo, por conseguinte, a primitiva forma.

Assim, não podemos fazer uma ideia do que teriam sido as missivas da freira, se é que algum dia as escreveu.

Houve quem se abalancasse a fazer fé por hipotéticos documentos que, à semelhança das moedas, foram cambiados e recambiados entre a França e Portugal, perdendo, por conseguinte, a primitiva forma.

Filinto Elísio traduziu assim:

"...Privados ficam estes meus olhos, mísera de mim! da única luz, que os aviventava; e que lhes deixa a ausência? Lágrimas. Que outro uso não lhes dou, senão chorar, desde que em fim te soube resoluto ao duro apartamento, que me há de dar a morte; que não tem minha alma forças suficientes com que os suporte..."

O Morgado de Mateus apresentou a seguinte versão:

"...Ai de mim! os meus (olhos) ficaram privados da única luz que os animava, só lhes restam lágrimas; nem eu lhes dou outro exercício senão o de chorar continuamente, desde o instante que soube estares resolvido a uma separação, para mim tão insofrida que em breve tempo me acabará..."

E Luciano Cordeiro burilou:

"...Os meus olhos é que perderam nos teus a única luz que os animava. Só lhes restam lágrimas, nem eu lhes tenho dado outro emprego senão o de chorar continuamente desde que soube que estavas resolvido a apartamento para mim tão insupportável que cedo me fará morrer..."

Na quinta e derradeira carta, a freira, depois de ter ameaçado o ingrato amante com a ira dos seus parentes, escreveu uma coisa que, vertida para francês, deu isto, segundo a edição de Barbin:

"...Je crois mesmo que je ne vous eciray plus; suis-jé obligée de vous rendre un compt exact de tous mes divers mouvements?"

Filinto Elísio poz isto em português, da maneira seguinte:

"...Creio que não te escreverei mais. Quem me obriga a dar-te razão de quanto por mim passa?..."



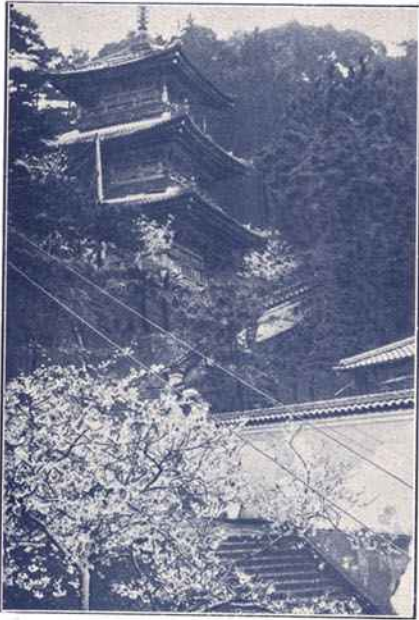
Soror Mariana, grav. de Maxara, desenho de Etienne

um homem roído de achaques, que sofria de falta de ar, tendo ainda estes e aqueles defeitos psíquicos, e só porque encontrou no espólio algumas moedas de dez escudos em prata que não existiam naquele tempo! Como seriam as cartas de Soror Mariana?

Soror Mariana, grav. publicada em Londres em 1713



Vigneta da edição das "Lettres d'une chanoinesse", publicada em Lisboa em 1771



Cerejeiras em flor

deias. De tudo aquilo me fala em suas cartas, enternecida. Numa das últimas recebidas, enviava-me a receita de cosinhar o caldo verde. Pois foi o caldo verde que eu cosinhei naquele dia, pela primeira vez. Adicionei à refeição umas sardinhas, de umas que se vendem por aqui, do tamanho de gafanhotos, secas ao sol, as quais cosi em água e temperei com açúcar, à moda japonesa. Nada mais.

Quando saboreei o meu jantar, de joelhos, sobre a esteira, sósinho com o meu gato, observei que o meu gato dava mostras de grande predileção pelas sardinhas, mas despresava o caldo verde; questão de educação. Sósinho, disse eu; para ser mais verdadeiro, devo antes registar que então me acompanhavam

como sempre me acompanhavam, mas naquele dia festivo mais intensas, as recordações das minhas mortas. A certa altura surpreendi-me mesmo a sorrir, correspondendo por este modo a certos sorrisos que imaginei virem de longe e serem-me dirigidos: — sorrisos ligeiramente motejadores, de minha irmã, quando eu comia as sardinhas; sorrisos ligeiramente motejadores das minhas mortas, O'Voné e Ko-Haru, quando eu sorvia o caldo verde...

E o escritor rematava: "Ah! solidão! vasto campo ressequido, povoado de espectros!..."

Pois era nessa solidão que Wenceslau de Moraes se sentia bem.

Eis uma das mais belas páginas da sua filosofia, referindo-se a um provérbio japonês que diz: *o encontro é o começo da separação*:

"A ideia expressa neste provérbio — afirma ele — é caracteristicamente budística e pode considerar-se como uma simples aplicação do dogma genérico, que recorda aos fiéis que tudo que vive tem forçosamente de morrer, que tudo que existe tem forçosamente de acabar. O budismo prega a interpretação pessimista de todas as coisas deste mundo, mundo de impermanências, no qual, prazeres, máguas, desejos, afectos, saudades, sofrimento, tudo é vão, tudo é miragem, tudo é ilusão,

J A P ã M FLOR

Como viveu e morreu Wenceslau de Moraes nesse país distante encanto e sonho

tudo é nada, exortando naturalmente à contemplação exclusiva das coisas santas, das coisas divinas, únicas em que convém interessar o nosso espírito.

"Pelo que respeita o encontro entre dois indivíduos, encontro que deve ser tomado no sentido de ligação efectiva, de estima, com que fim, pergunta o budista, devemos provocá-lo, cultivá-lo, se ele leva irremediavelmente à separação, com todo o cortejo de inconveniências, de desgostos, de dores, de azedumes, que a precedem?... Não será mais profícuo que o indivíduo evite a perda de tempo em tais desmandos, ocupando-o em actos piedosos, que lhe serão úteis mais tarde?..."

"Deve entender-se que o provérbio visa muito especialmente o encontro entre dois indivíduos dos dois sexos, isto é, o encontro amoroso, o amor, que é a paixão no seu estado mais intenso, paixão, a grande força emotiva que electriza uma grande parte da família humana, estonteando-a, cegando-a á razão, ao cumprimento dos seus deveres, arrastando-a tantas vezes a todas as ignomínias e finalmente à perdição!... E para quê? Prazeres momentâneos, ilusões passageiras, de mistura com muitas contrariedades, com muitas desilusões, com muitas angústias; caminhando trágicamente para a separação, para a ruptura, seja pela saciedade nos desejos, seja pela fricção de dois temperamentos diferentes e incompatíveis entre si, seja pelos obstáculos que se levantam de surpresa, seja por qualquer de outras mil causas imprevisíveis... E quando assim não aconteça, quando *Ele e Ela* gosem o raro privilégio de saberem furtar-se às tempestades da existência, guiando imperturbavelmente a gôndola de seus amores por aprazíveis calmarias, virá um dia a morte, a que ninguém resiste, pôr termo ao idílio, decretar a separação, a ruptura, roubando a um o ente querido... E dirá o sacerdote budista ao crente, que o escuta: — "Queres evitar a separação? Há um meio seguro: evita o encontro..."

"Eu direi ao sacerdote budista: — Bonzo, tu tens razão, sem dúvida. Prega desafogadamente essa doutrina e aumenta a legião dos bemaventurados. Mas eu re-

jeito-a para meu uso, tenha embora de sofrer todos os suplícios do inferno do budismo, os quais sei, por pinturas que por vezes relancei, serem atrozes. Eu amei, amei muito; e só me pesa não ter amado mais. Eu aprendi a amar, nem tu podes supôr como: — quando encontrei, um dia, há muito tempo, duas borboletas bailando uma com a outra, beijando-se ao mesmo tempo, sobre as florescências perfumadas dum vergel; — e, em assunto de amor, eu creio mais nas borboletas do que em Buda... Vais falar-me, talvez, de separação, de ruptura. Conheço as punhaladas da separação, da ruptura; conheço-as e ainda hoje o coração me sangra delas. Quizera ter dado outro desfecho a estes tristes lances; foi-me impossível. Mas não me lamento, não; mas não me arrependo, não. Amei, sofri, sófri; tudo acabou; tudo não, resta a saudade, que é ainda um dos aspectos fulgurantes do amor. E antes que tu, ó bonzo, ungido de irónica piedade, venhas sorrir com amargor em face da



Residência de Wenceslau de Moraes em Tokushima

minha desventura impenitente, quero bradar-te as minhas últimas palavras sobre este assunto interessante: — tu sabes muitas coisas, certamente; mas ignora uma, pelo menos, *o grande prazer do sofrimento!*..."

Wenceslau de Moraes, no dizer dum ilustre escritor português, foi "o homem que trocou a sua alma..."

Japonizou-se, a tal ponto que se irritava quando lhe perguntavam se não gostaria de dar um passeio até Portugal. Como um bom luziada, sentia por vezes saudades da terra que lhe fôra berço, mas depressa as recalca com a recordação dos seus amores, a sua adorada Ó-Voné que tinha por epitáfio estas palavras: "Piedosa mulher — comparável a um vaso precioso de dizeres, e que o seu carinho ali tinha gravado. Sentia, por vezes, a nostalgia do país em que nascera, mas logo a afogava na evocação da sua querida Ko-Haru em cuja sepultura fizera esculpir este madrigal: "Piedosa mulher — comparável a um magnífico quadro, traçado por pincel primoroso e oferecido aos deuses..."

Lebrava-se ainda da pequenina Chiyo-Ko, a japonesinha arisca e ladina que lhe alegrava casa êrma de afectos, lhe roubava dinheiro das gavetas, e se finara como as outras empolgada pela crueldade da tuberculose que não perdoa, e em cuja campa fizera gravar esta evocação generosa que só a alma de Buda saberia compreender, se é que Buda amou alguma vez na vida: "Piedosa mulher — comparável ao mais excelente capítulo do livro da ciência e da virtude..."

Lebrava-se de Portugal, é certo; visionava por vezes, o seu passado de marinheiro brioso em que, à frente duma



Wenceslau de Moraes

canhoneira, se fizera ao mar, como digno descendente dos grandes heróis dos descobrimentos, mas, batido pela ingratidão dos homens, rapidamente afugentava as reminiscências duma pátria distante e confessava com mágua ser lisboeta, como se este título o envergonhasse!

Quem folhear as suas cartas encontrará uma volubilidade cada vez mais pronunciada. Na sua própria correspondência particular — tivemos nas nossas mãos dezenas de cartas escritas a vários amigos — enaltece uns, para os desdenhar, pouco depois, como se de inimigos tratasse.

A sua alma extravasava fel. Escrevia, mas detestava o réclamo. Quando o seu nome ou o seu retrato apareciam em qualquer jornal ou revista portuguesa, escrevia imediatamente ao amigo a quem atribuía a ideia e ferrava-lhe uma descompostura.

A quem se manifestou sempre constante foi à memória das duas japonesinhas que tanto amou e que a Morte lhe arrebatou dos braços.

Todos os dias visitou os seus túmulos que cobria de flôres e de lágrimas. Amou muito, muito, lamentando — ele próprio o diz — não ter amado mais ainda!

Assim se finou o nosso Wenceslau de Moraes nesse Japão florido que sempre nos atraíu e encantou desde que Fernão Mendes Pinto o foi descortinar, por mero acaso, há quatrocentos anos.



Em Theben, antiga cidade romana, os barcos da Sociedade Danubiana de Navegação "D. D. S. G." passam a fronteira austro-húngara.

rumo de leste e entra na Hungria perto de Esztergóm.

O Balaton é o mar da Hungria:

O Danúbio, esse é o rio.

Se colocarmos o mapa obliquamente, ao seu canto sueste, a parte noroeste da Hungria, formará a metade dum coração com tódas as irregularidades dos seus contornos. O recorte superior encontra-se no sitio onde a nova fronteira passa à beira do Danúbio de Preszburg até Szób.

O navio anda depressa. A quilha branca fende as ondas claras, reluzindo entre o verde e o azul, a espuma prateada rebenta, cintilante. As margens aproximam-

A direita: A estátua da Liberdade em Budapeste. Em baixo: Na parquia da capital húngara, na ilha de Santa Margarida



-se para se afastarem novamente. Volta e meia vê-se um prado, um traço com águas mais escuras cavado no meio da campina verde.

Mais além uma ilha. Córvos e

Sôbre o belo Danúbio azul

gaivotas brancas com desenhos pretos ressaltam e brincam através do rio, poisam estremeçando nos salgueiros, na mastreação do navio, mergulham atrás dum peixe esvoaçando rapidamente com a presa.

Por detrás, denso canavia, vergando o seu caule comprido numa atitude de mágua na direção de Komárom, que hoje se chama Komarno — ninguém perde de memória que a cidade na margem da frente, onde flutuava a bandeira encarnado-branco-verde se chamava Komárom.

Dentro em pouco vem Esztergóm. De longe saudável a orgulhosa cidade, construída na colina verde sobranceira ao rio, coberta pela abóbada azul do céu. As colunas são redondas e pesadas. O redondo da cúpula é como se fosse um astro feito de pedra, lembrança de grandezas que voltarão porque são

nar. Agora fica por detrás, ao norte, durante muito tempo.

Chega a noite, começa a brisa. A bandeira e a flâmula içadas, brincam e batem, dobrando-se e desdobrando. O sol ainda tem fôrça. Todavia aparece um astro pálido: a primeira estrela no horizonte distante. A oeste e leste as luzes dos candieiros das estradas, já acêso, alumiam o crepúsculo que pouco a pouco se torna denso e depressa tudo envolve no seu manto — não tão escuro que não deixe distinguir os contornos das ilhas, margens e construções.

A nascente do Danúbio é na Floresta Negra alemã, perto de Donaueschingen.



Éte brota cristalino dos rochedos de granito, saltita no seu leito como uma criança endiabrada, procurando caminho entre blocos de granito na direção do planalto de Baar.

Em Würtemberg cumprimenta, enarmorado, pela primeira vez a lendária menina de Blaubeuren, em Ulm abai-

Preszburg, Bratislava ou Poszony, grande cidade habitada por três povos: austriacos, eslovacos e magiares; e o porto danubiano da Tcheco-Eslováquia

rega de boa vontade com os navios através da Austria. Entre Urfahr e Linz desliza, modestamente entre a igreja da peregrinação no alto do monte Pöstling e a catedral. De Wachau a Viena conserva verde as extensas varzeas. Na Hungria, depois corôa a sua cabeça. Porque em parte nenhuma éle é tão real como aqui. Nobre e brando, alegre e consciente, de boa vontade se curva por baixo das pontes de Budapeste. Palácios e igrejas banhados pela intensa luz prateada dos reflectores do lado de Buda, dão a impressão que todo



esse esplendor se faz em honra do Danúbio: éle aceita com agrado a homenagem e retribui com as suas ondas graciosas afagando o cais, reflectindo as milhares de luzes em cintilações fulgurantes — um trecho das mil e uma noites contando o casamento do rio realengo com a sumptuosa cidade.

O navio deixa Budapeste, descrevendo uma curva e passa por baixo de altas pontes que enlaçam a frente já bastante larga do Danúbio semelhante a um diadema.

As águas brancas reluzem ao sol e movem-se para o sul agora em linha recta, majestosamente.

A noite chegou quasi sem crepúsculo:



Em cima: Nas margens do Danúbio, esta senhora húngara em fôto de banho dirige-se para o terraço dum café em pleno centro da cidade.

A direita: Paisagem húngara nas margens do grande rio.

Em baixo: O belo edificio do Parlamento húngaro em Hólopete.

Mohács que o Danúbio é mais lindo. Quando viajo rio abaixo tenho sempre o cuidado de abandonar o vapor em Budapeste, passar aí a noite e continuar a viagem até Mohács no dia seguinte. Acho-o maravilhosamente lindo e não quereria deixar de admirar as suas margens, viajando de noite.

Se eu fosse um milionário americano, não deixava cruzar o meu iate durante o verão entre Miami e as Antilhas, mas sim entre Esztergóm e Dunaföldva, entre Paks e Mohács. Prometo solenemente que chegando a ser milionário assim procederei. Nenhum rio é mais lindo e espalha tanta abundância, primavera e beleza como o Danúbio quando a sua corrente apressada toma o

Esztergom, castelo real húngaro, nas margens do Danúbio



eternas. O navio anda com ritmo regular, sem balanço.

Na margem norte desemboca dum vale dos Carpatos o caminho de ferro que passa à beira do rio. Entre os seus carris e a fita azul da água serpenteia a estrada cinzenta para automóveis.

As margens são cada vez mais povoadas, já se sente aqui a respiração funda de Budapeste. Esztergom continua a ace-



xa-se à vista da alta catedral e passa inocente por baixo dos primeiros arcos da ponte. Por cima de Regensburg, na Baviera, tornando-se casadoiro e enérgico, saúda Walhall, desde Passau, e depois de se juntar com o Elz e Inn, car-

Mohács é o Alcazar-Kivár dos húngaros. Na Torre Melita o rei Luiz II, foi ali derrotado pelo exercito turco.

um véu preto estendeu-se por cima do rio. Será o fato de luto que o Danúbio veste por ser obrigado a deixar a Hungria?

Mohács, depositária da glória da Hungria, estende-se à beira do rio, com casinhas enfileiradas de tectos muito baixos.

Pesados e tristes, balançam os salgueiros na escuridão. O próprio barco mudou de rumo. Segue agora para o norte, contra a Hungria. Cansada desce a bandeira encarnado-branco-verde do mastro. Tristes, as águas murmuram baixinho na margem, mais uma vez, antes de passar a "fronteira".

W. M. Ullmann. — Viena.



JOSÉ SIMÕES DIAS, o mavioso poeta beirão, falecido ha trinta e seis anos, acaba de ser acusado de plagiário por um outro morto — o conselheiro Bartolomeu dos Mártires Dias e Sousa, que, além de ter sido um alto funcionário do ministério da Justiça, cultivou também as musas com muito engenho.

Fui encontrar a prova do delicto nos dois volumes de "As Peninsulares", que tinham feito parte da biblioteca daquele zeloso funcionário. Este teve o cuidado de os anotar por sua mão para que, um dia, alguém apparecesse a punir o delinquente.

José Simões Dias enviara-lhe em 1870 três poesias traçadas em boa caligrafia e melhor papel almaso — possúo também êsses originaes — sendo uma delas intitulada: "D. Pedro IV", e dedicada "Ao Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Bartholomeu dos Mártires".

Pouco depois era publicado o livro "As Peninsulares", incluindo a citada poesia, mas sem dedicatória.

Bartolomeu dos Mártires, que ficou furo com a omissão do seu nome, fez a seguinte anotação:

"Esta Poesia foi-me obsequiosamente offerecida pelo A. em 1870. Conservo o original assinado pelo mesmo A. José Simões Dias, a quem mui grato fiquei pela offerta."

B. dos M. Dias e Sousa.

pergunta feita pelo A. na poesia antecedente "Porque não desce Christo?". Não sei porque o A. benemerito das Letras por seu próprio talento e instrução quis apropriar-se d'êste pequeno trabalho alheio.

O caso passou-se assim:

Tendo José Simões Dias escrito a poesia "O Anti-Christo", — possúo também êste original — enviou-a ao seu amigo e colega, Conselheiro António Maria Gentil, que, após a leitura das nove quadras que a compunham, rematando da maneira seguinte:

*Que falta agora? muito?
Ai! quando penso nisto,
A mim próprio pergunto:
Porque não desce Christo?*

ficou a cismar na resposta condigna. Como também poetava, respondeu-lhe com êstes versos, intitulado-os: "Porque não desce?"

*Um dia, a sós comigo meditando
Na apartada Teóida, onde ora existo,
Aos missais preguntava: «Como e quando
Há-de voltar à terra Jesus Christo?»*

*«Não viste ainda a letra da Escritura?
(Responde um cardeal com voz pausada)
Christo virá, mas só quando a impostura
Na cadeira de Pedro vir sentada.»*

O liberdade, estreito!

Só por ti se equilibra na balança
Da justiça eternal o amor que lavra
Em cada humano peito!

*(a) Esta Poesia foi-me obsequiosamente offerecida pelo A. em 1870. Conservo o original, assinado pelo mesmo A. José Simões Dias, a quem mui grato fiquei pela offerta.
B. dos M. Dias e Sousa.*

Assim se explica o despeito d'êste nosso Conselheiro que, pelo visto, não tinha a menor tendência para mártir, embora o seu nome, evocando o do santo prelado bracarense, fizesse acreditar o contrário.

Nas páginas 384 e 385, onde figura a poesia "Aos cardeais", surge então a accusação terrível nas seguintes linhas, traçadas nas margens inferiores com mão firme e inexorável:

"Esta poesia foi dada ao A. pelo Director Secretário Geral, que então (1870) era da Secretaria da Justiça, Conselheiro António Maria Gentil, como resposta à

Os annos e a sciencia de mãos dadas,
Entrando da razão no predomínio,
Me disseram assim: «não são vedadas
As verdades da Igreja ao raciocínio;

(a) Esta poesia foi dada ao A. pelo Director Secretário Geral, que então (1870) era da Secretaria da Justiça, Conselheiro António Maria Gentil, como resposta à seguinte feita pelo A. na poesia antecedente: "Porque não desce Christo?" Não sei...



VINGANÇA LÉM-TÚMULO

Simões Di—plagiário

Um morto que se le a acusar outro morto

*Então lhe perguntei «se era possível
Sentar-se de S. Pedro na cadeira
Um homem peccador, feito infalível
Contra a crença geral e verdadeira?»*

*Citou-me as obras tôdas de Agostinho,
E sem ousar o quod absurdum credo,
Sumiu-se pelo chão, como um daninho
Animal que da luz foge com medo!*

*Deixando dos cardeais a vil ciência,
Sai de casa em busca da verdade,
E fui achá-la, enfim, na experiência
De um homem que não mente à sua idade.*

*Os annos e a sciencia, de mãos dadas,
Entrando da razão no predomínio,*

*Me disseram assim: «não são vedadas
As verdades da Igreja ao raciocínio;*

*Christo já não atende a humana gente,
Pois, vindo ao mundo, a não deixou melhor,
Receta visít-la novamente,
Com medo de a deixar inda pior!»*

*Ouvindo a philosophica pilhéria,
Sorri da velha sciencia dos missais,
Por vêr que um simples leigo na matéria
Quinaas se atreve a dar nos cardenais!*

Foi esta a poesia que José Simões Dias rapinou ao Conselheiro António Maria Gentil, e incluiu no seu livro, modificando-lhe apenas o título que passou a ser

O tanto amago... reserco...
E entanto a pobreza, nua,
Espera á porta da rua
A esmola que alli os prende.

que o A. benemerito das Letras por seu proprio talento e instrução, quis apropriar-se do pequeno trabalho alheio.

"Aos Cardeais". Já lá vão sessenta e cinco annos e só agora se revela o plágio do poeta de "As Peninsulares."

O conselheiro Bartolomeu dos Mártires vingou-se bem cruelmente.

Na dedicatória que o poeta faz do livro a sua mulher, D. Maria Henriqueta de Menezes e Albuquerque, alude à biografia que o jornalista Henrique de Andrade publicara em 1870 no folheto "Noticia da vida e escritos de J. Simões Dias", e transcreve as linhas que o seu abnegado biógrafo lhe consagrou. Cita o seu nascimento na aldeia beirão de Benefeita, os seus estudos de latim em Pedrógão Grande, o curso teológico em Coimbra, a sua nomeação de professor proprietário da cadeira de Línguas, Economia rural e Administração Pública, da cidade de Elvas, donde fôra transferido para o Liceu de Vizeu em 1871...

Nisto, o conselheiro Bartolomeu dos Mártires, sempre atento, mas nada venerator, tem êste remoque irónico:

"O A. foi provido por concurso, em 3 de Agosto de 1870 no lugar de Amanuense da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Justiça, e, exonerado, a seu pedido, dêsse lugar em 14 de Abril de 1871. Podia o A., sem pejo, mencionar êste facto."

O libelo acusatório dormiu durante longos annos na biblioteca do conselheiro Bartolomeu que, um dia, se foi deitar na campa, confiado em que o fogo que deixara escondido havia de produzir incêndio quando menos se pensasse.

O poeta Simões Dias ainda viveu muitos annos, ingressando activamente no jornalismo. Em 1888, dirigindo o "Correio da Noite", lembrou-se de fundar "O Globo", com Cândido de Figueiredo e Oliveira Simões. Da redacção faziam parte autênticos valores, restando ainda vivos Câmara Manuel que foi substituído Acácio Antunes nas gazetilhas, por 9 mil réis mensais, e Artur Brandão, actual director da

"Ilustração" e grande editor, que era então um rapaz ladino, cheio de espirito e vivacidade, denunciadores já do futuro colosso que havia de realizar as mais formidáveis empresas a golpes de engenho e de talento.

Simões Dias morreu em 3 de Março de 1899, esquecido talvez da leviandade que cometera, e da qual o próprio autor da poesia roubada se absteve de fazer escândalos, aceitando talvez qualquer razão engendrada com mais ou menos jeito. O lapso — por exemplo — da omissão duma nota explicativa, dando o seu a seu dono; mas numa futura edição appareceria bem visível, tivesse o sr. conselheiro António Maria Gentil a certeza.

E êste, em face desta explicação, ou de qualquer outra semelhante, acatou a boa fé, e não voltou a pensar no caso.

O conselheiro Bartolomeu dos Mártires é que não se conformou, e preparou maquiavelmente a sua terrível vingança póstuma.

Melhor seria que o houvesse feito em vida do acusado, pois dar-lhe-ia margem para se defender e justificar.

Assim, o falecido não poderia erguer-



O poeta beirão José Simões Dias

se da sepultura, a defrontar o seu accusador. Que o poeta José Simões Dias foi um poeta de raro merecimento, não oferece dúvidas a quem quer que seja. Porque plagiou então? Porque não veio a público, na devida altura, explicar a omissão do nome do verdadeiro autor da poesia roubada? Se o seu acto não foi correcto, o do conselheiro Bartolomeu dos Mártires vai causar arrepios a muita gente.

Devemos ter em conta, no entanto, que é um morto que se levanta a accusar um outro morto.

Ano alto da pagina: O conselheiro Bartolomeu dos Mártires Dias e Sousa

Gomes Monteiro.



A equipa do Benfica, campeão de Portugal

COM a justa vitória do Benfica sobre o Sporting, terminou o décimo quarto campeonato nacional de futebol, que despertou extraordinário interesse no meio e veio a encontrar no embate dos velhos e popularíssimos rivais o remate condigno da sua importância.

O Estádio do Lumiar, escolhido para cenário do acontecimento, registou uma formidável afluência de público, daquelas que só habitualmente aparecem nas tardes de Portugal-Espanha; para maior realce da festa máxima de futebol português, o sr. Presidente da República assistiu ao jogo acompanhado de elemento oficial, como raras vezes se terá reunido num recinto desportivo.

Encerra, assim, com chave de ouro uma época que nos deixa agradável impressão e no decurso da qual se afirmou nitidamente uma tendência de progresso, tanto pela classe média dos grupos mais destacados como pelo acréscimo de interesse público.

Os campeonatos regionais, o torneio das Ligas e, por fim, o campeonato nacional, decorreram este ano num crescendo de entusiasmo que permite formular bons auspícios para o futuro da especialidade.

Teríamos, por conseguinte, apenas motivos para congratulações se uma excessiva ambição regionalista, arrastando ao desvairamento as multidões, não houvesse provocado aqui e além incidentes condenáveis que mostram mais perigoso do que útil este entusiasmo do momento.

A rivalidade norte-sul, ou melhor dito Porto-Lisboa com uma derivação para Porto-Coimbra, originou em diversas circunstâncias situações intoleráveis, e a que é necessário pôr cõbro, escalpelizando responsabilidades e denunciando a verdade, cuja omissão representa um mau serviço prestado à causa desportiva.

E' contra semelhante estado de espírito que

precisam reagir os orientadores do movimento desportivo, apresentando à massa popular, pelo escrito, pelas palavras e pelos actos, o desporto dentro das suas verdadeiras funções educativas. Longe de separar, o desporto deve unir a mocidade portuguesa na mesma aspiração de revigoração, considerando as competições que entre si disputam, como um simples incentivo ao progresso geral, um elemento para avaliar os recursos a dispor para mais elevadas aspirações.

Enveredar a prática do desporto pelo caminho material do simples confronto de valores físicos, é destruir todo o significado educativo e, portanto, toda a razão de ser do interesse na sua propagação.

O desporto é, em primeiro lugar, uma escola de virtudes morais e cívicas incompatível com a acção de discólos ou o desencadear de paixões repreensíveis. A ordem é o primeiro factor a exigir dentro ou em volta dum terreno desportivo.



Os directores da Federação entregando as medalhas aos finalistas

A QUINZENDESportiva

Atravessa neste momento a sua fase mais interessante a Volta a França em bicicleta, que podemos sem favor considerar a mais grandiosa organização desportiva do mundo.

Durante vinte e quatro dias, os corredores seleccionados em cinco nações, que são as mais fortes em ciclismo profissional: França, Bélgica, Itália, Alemanha e a nossa vizinha Espanha este ano admitida com foros de grande senhora, vão lutar ardentemente através mais de quatro mil quilómetros de montanhas e planícies para conquistar uma vitória que representa uma pequena fortuna.

Desde que o velho Desgrange, criador e patrão da prova, instituiu o sistema das equipas nacionais, a superioridade francesa não mais deixou de se afirmar, tanto individual como colectivamente. Desta vez, porém, as coisas começaram de maneira diferente e as primeiras caminhadas revelaram-nos uma vantagem acentuada do grupo belga, cujo significado definitivo só as jornadas alpinas e pirenaicas hão-de vir a esclarecer.

A esta ascensão do valor belga — tão maltratado nas Voltas dos dois últimos anos — pode contrapor-se um fracasso inesperado dos representantes italianos, que perderam já em Martano um dos seus mais fortes elementos, não conseguindo os restantes guindar-se a situação de relêvo.

Esperemos pelo final para julgar em definitivo; todas as hipóteses formuladas antes da passagem dos terríveis caminhos dos Pireneus, são prematuras e até ao último dia é a classificação susceptível de alterações mercê das duas etapas contra relógio que este ano foram elevadas a seis, três antes e três depois dos Pireneus.

O que pode desde já assegurar-se, é o êxito popular da prova, que em toda a França mobiliza multidões e prende, na Europa inteira, o interesse da opinião desportiva.

Um trecho da assistência à final do campeonato de Portugal



desto pugilista Braddock, um outro antigo campeão mundial, o gigante italiano Primo Carnera sofreu, dum principiante, a mais severa derrota da sua carreira atlética.

O negro Joé Louis, um novo no qual muitos vêem com fundamento o próximo detentor do título máximo, afastou do seu caminho o enorme Carnera, deixando-lhe pouca vontade de tentar seguida experiência.

Aproveitando os dois recentes combates entre pesos pesados, a N. B. A., federação americana de box, elaborou a seguinte tabela de classificações dos melhores homens na categoria: 1.º Braddock (E. U.); 2.º Joe Louis (E. U.); 3.º Schmeling (Alem.); 4.º Max Baer (E. U.); 5.º Carnera (It.); 6.º Neusel (Alem.); 7.º Hamas (E. U.); 8.º Lasky (E. U.); 9.º Doyle (Ingl.); 10.º Petersen (Ingl.).

Se nos basearmos apenas sobre os resultados dos dois últimos combates, esta classificação pode parecer normal. Não se compreende bem, contudo, por que motivo Schmeling é preferido a Max Baer que o bateu nitidamente na única vez que se defrontaram; ocorre ainda perguntar qual o fundamento da preferência dada aos dois ingleses em prejuizo do campeão da Europa, Pierre Charles.

O alsaciano Ernesto Romens venceu este ano a prova de marcha Paris-Estrasburgo, percorrendo os 524 quilómetros

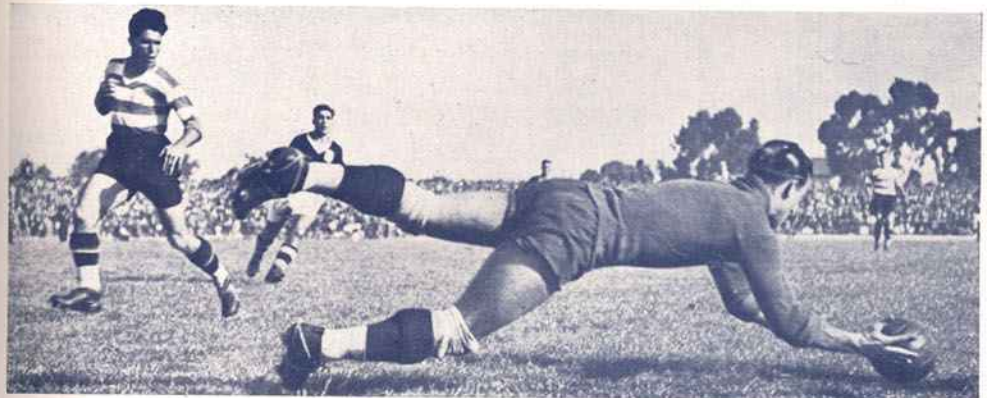
da caminhada no tempo "record" de 71 horas 55 minutos.

Durante os três dias da prova, o marchador perdeu seis quilos de peso, apesar de abundantemente alimentado enquanto caminhava quasi ininterruptamente pois, da partida à chegada, parou para dormir apenas três vezes e um quarto de hora de cada vez.

Apesar de semelhante ausência de repouso, a fantástica resistência de Romens permitiu-lhe percorrer os últimos cinquenta quilómetros a perto de nove quilómetros de média horaria, animado pelo entusiasmo delirante dos seus conterrâneos.

Romens desempenha, na vida particular, um posto sedentário numa fábrica de automóveis, o que representa um contraste curioso para um indivíduo que é campeão de marcha.

Salazar Carreira



Uma bela defesa de Dyon a um perigoso remate do adversário

Pouco depois da inesperada derrota do campeão do mundo Max Baer pelo mo-



*benedita essa missão, que tens de me lançar
no asilo onde me espera o beijo duma morta!
Ó chave do jazigo, abre-me a escuro
[porta...]*

E o poeta, que tinha então 17 anos, remata desanimado:

*Eu era então na idade es-
plêndida do amor,
das crenças por abrir, dos
[sonhos inda em flor,
dos beijos, das paixões,
do sol que nos alegra!
mas como sôbre mim,
[caía a noite negra,
eu via aquêles sóis su-
[mirem-se no azul!
que planta dêste chão
[resiste ao vento sul?
Quando o raio passou
[deixou-me aniquilado...
— Que fazes tu assim?
[— disseram-me do lado.
Seren, eu respondi: — Na
[estrada onde me vês,
deixo os outros passar, e espero
[a minha vez!*

Desventurado poeta! A serenidade que tentava aparentar perante a crueldade da Morte que lhe roubara todos os entes queridos, deveria ser agitada pela terrível tempestade que lhe arrebatara cinco filhinhos ainda no berço.

Tendo vinte e um anos, casou com uma jovem formosíssima, D. Maria Adelaide Teixeira, supondo por algum tempo que a felicidade raiara enfim para êle. No seu lar nasceram-lhe cinco filhas e um filho. Pouco depois, a Morte, que nunca deixou de lhe rondar a porta, foi-lhe levando uma por uma, essas crianças encantadoras.

No falecimento da pequenina Laura, o pobre pai blasfema no auge do desespero:

*Nadam mil vislas numa gôta de água!
do pólen duma flôr brotam mil flôres!
e ao seio duma mãe dá-se esta máguã!
e ao coração dum pai dão-se estas dôres!*

*Dizem que vais viver eternamente;
colher dôntros jardins a flôr e a palma!
e eu sinto apenas a letal serpente,
a dôvida enroscada na minha alma!*

*Hei de orar? Mas na sombra da consciência
não me luzem cá dentro ignotos brilha!
Hei de crêr? Mas a mão da Providência
tem garras para mim... rouba-me os filhos!*

Grande desgraça a sua! Para viver restava-lhe o cargo de distribuidor do geral da comarca do Pôrto para que fôra nomeado por decreto de 13 do julho de 1868.

Mas a morte das filhas transtornara-o a tal ponto que passou a aturdir-se numa

GUILHERME BRAGA, tendo sido um dos maiores poetas do seu tempo, foi também um dos maiores desgraçados que a roda do sol cobriu.

Orfão de mãe aos 13 anos, pouco depois, via morrer sua irmã Maria Emília victimada por um tifo, e seu irmão Victor pela tuberculose.

Nisto, morre-lhe o pai. Guilherme Braga soluçava a sua orfanidade. Sôsinho no mundo que há-de ser dêle?

Tenta, no entanto, afrontar a desgraça que o açoita impiedosamente, levando-lhe todos os braços que o amparavam, todos os lábios que lhe sorriam enternecidamente e o beijavam com o maior carinho.

Ao vêr tombar o bondoso ancião que lhe dera o sêr, o poeta, debulhado em lágrimas, evoca-lhe a saudosa memória:

*Depois de esgotar bem o calix da amargura,
depois de ter crestado os lábios na tortura
do fel, e o coração no luto da vivez...*

*Depois que já lhe andava a morte sob os pés,
juntando, uma por uma, as pedras da jazida...
depois que êle sentia que tudo nesta vida
lhe dava a ingratidão gerada pelos maus...*

*depois que êle subiu, cansado êsses degraus,
Que vão tocar dos céus nos floridos caminhos...
depois que a mordedura imensa dos espinhos
a fronte encarnecida em sangue lhe banhou...*

*então, como quem brinca a mão que o libertou,
Meu pai disse ao coeiro: — Embrulha-me na terra!
preciso de descanso; a cova onde se encerra
o corpo é como um leito e eu venho de lutar!*

O POETA A MORTE

Guilherme Braga e seus fantasmas
uma curta vida para uma agonia interminável

casa de jogo que então havia sido fundada no Pôrto.

Bebia e jogava desenfreadamente. "Uma noite — conta um dos seus biógrafos — Guilherme Braga, tendo perdido à roleta ludo quanto levava, empregou os últimos cobsres que encontrou, por acaso, no esconso duma algibeira, em meia dúzia de charutos. Foi para uma janela de sacada e sentou-se ao ar frio. Fumou, fumou, bebeu, e adormeceu, por fim, na cadeira que para ali tinha arrastado. Correram as horas, saíram os últimos convivas, apagaram-se as luzes, e os criados, ao fecharem a sala não deram pela presença do desgraçado boémio.

"De manhã, quando abriram a sala, encontraram-no ainda adormecido. Naveira durante a noite, sôbre a madrugada sucedera um nevoeiro densissimo que lhe ensopara as roupas. Acordaram-no. Estava rouco: o frio e a humidade tinham-lhe chegado à medula dos ossos.

"Daí a instantes, louca, cheia de cuidados, mal podendo suster-se apparece-lhe a esposa. Que noite! que interminável noite a desventurada senhora passara sempre à espera dêle, e sempre em vão!

— Minha filha, perdôa-me — murmurou êle num gemido — ai que pesadêlo! que terrível pesadêlo!

Laçaram-se nos braços um do outro, confundindo as suas lágrimas. Aquela santa não teve uma queixa, uma palavra de recriminação ou de censura para dirigir-lhe.

O seu querido estava ali enregelado, inconsciente como uma criança, batendo os dentes com frio.

Foi isto o que o matou.

Como se sentisse piorar de dia para dia, acalentou a esperança de que os ares do campo, quando não lhe restituíssem o vigor, ser-lhe iam mais benéficos do que os dessa cidade que lhe envelenava os pulmões e lhe dilacerava a alma.

Deixou o Pôrto e foi acolher-se à quinta do Castelo, na Vila da Feira, propriedade do seu amigo Joaquim Vaz de Oliveira, parente de sua esposa.

As obrigações do seu cargo de distribuidor do geral da comarca não o apoquentavam já.

Dias antes, o juiz de direito suspendera-o por um ano, visto não ter comparecido, nem apresentado os livros à correição!

Nada prendia, portanto, o pobre rapaz à cidade do Pôrto, e foi parar à Vila da Feira.

Foi daí que escreveu a Bulhão Pato algumas das cartas que êste escritor incluiu no seu livro "Sob os ciprestes."

Diz numa dessas cartas:

"Tenho de morrer; acobardo-me diante desta ideia que vem a espaços desfazer tôdas as minhas esperanças, sobretudo as que doiram o futuro do meu filho, que é uma criança de seis anos..."

O poeta sabe que a Morte o esprieta. São velhos conhecidos. No entanto, oculta os seus versos tristes da esposa para lhe evitar desgostos. Sabe que a aflige com o seu desalento, Escreve à Morte como se o fizera a uma amante que tivesse obrigação de sustentar, a ocultas da mulher.

Revela ao amigo os versos e confessa:

"Se minha mulher os lêsse, tínhamos cêna. É uma criança de vinte e seis anos, que está muito piór do que eu acêra do meu estado de saúde. Tem por mim um affecto exuberante, que dura há oito anos, sem que o toldasse uma nuvem.

"Eu sou por ela o que sou por meu filho — um doido!"

Amava a esposa até à loucura e ainda bem que ela se conservava a seu lado. Se assim não fôsse, como poderia o poeta resignar-se ante a morte da querida filha?

Êle, que desabafava:

*Já três vezes da morte a vaga escuro
Passara no meu lar — negro Recife;
E eis outra vez aberta a sepultura,
Mudado o quinto berço em quarto esquite!*

Como poderia ter encontrado forças para assistir a tanta amargura, se o olhar dôce da sua querida companheira não lhe estivesse segredando a tôda a hora:

Vê lá, meu Guilherme. Se tu morreres eu vou contigo, e o nosso único filho ficará abandonado!

O poeta ao fazer a dedicatória no exemplar de "O Bispo," que ofereceu a sua esposa, escreveu as seguintes linhas:

"Á dôce e afável companheira dos meus actuais dias de sofrimento, à companheira affectuosa de oito anos, até 19 do corrente, e dos muitos outros que decorrerão mais felizes, numa modestissima existência — se o Destino quizer, oferece para guardar como segrêdo. — Guilherme.

Se o destino quizer! — dizia êle para acalentar uma rêstea de esperança a querida companheira da sua existência!

Êle sabia bem que a morte lhe rondava a porta e não tardaria a empolgá-lo. Sentia-o, mas occultava-o para não afligir a esposa.

À fôrça de vêr a Parca sinistra entrar-lhe em casa, ser até uma das suas visitas mais assíduas, apercebia-se do seu hálito frio como o vento norte.

Em julho de 1874, tendo regressado de Vila da Feira ao Pôrto sentiu-se piorar. Recolheu ao leito que lhe foi continuamente rodeado pela esposa e as poucas pessoas de família que ainda lhe restavam, entre os quais o seu irmão Alexandre Braga, eminente advogado e espirito diamantino.

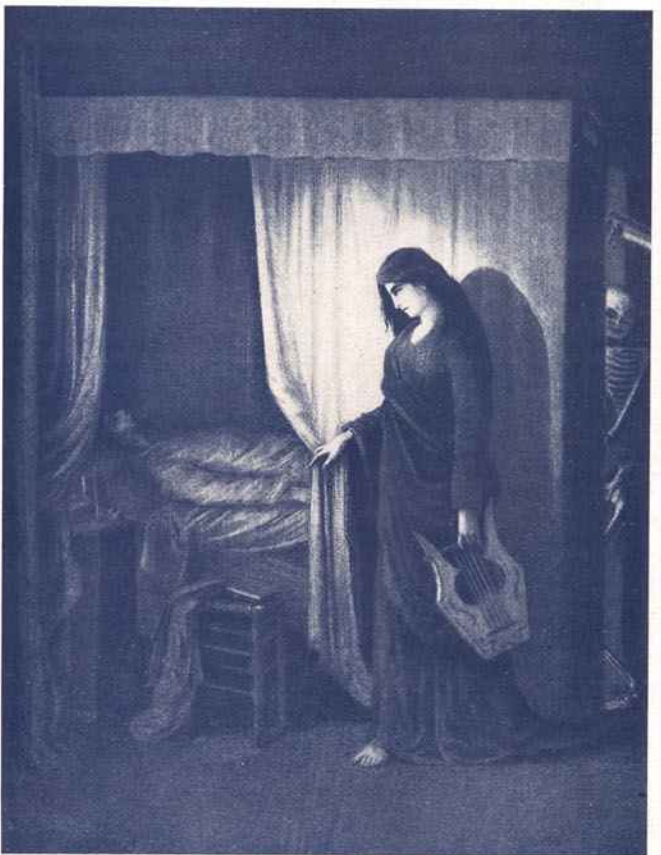
Às 2 horas da madrugada do dia 26 entrou na agonia. Estava uma noite formosissima contrastando com a terrível cêna que se desenrolava naquella pequena casa da rua de Monte Belo.

O poeta, elevando os olhos à imensidade, murmurou:

"Meu Deus! sofre-se assim — e o meu cheio de estrelas!"

E morreu.

Sessenta e seis dias depois, a esposa ia juntar-se-lhe no cemiterio de Agramonte numa campa confortavel tôda coberta de lheras e violetas.





Um dos membros da «Pantilha» que foi durante muito tempo uma das mais audaciosas expressões do bom humor norte-americano

por uma técnica progressivamente mais vasta, perdeu o poder criador da fantasia e do sonho.

Eis como, aos olhos duma filosofia pouco complexa, se pode interpretar o declínio do cinema cómico, com tôdas as conseqüências que êle comporta.

Não apenas pelas boas gargalhadas que nos proporcionou, o cinema cómico é credor dos nossos elogios. Nenhuma outra modalidade dêsse prodigioso espectáculo das imagens animadas contribuiu tanto para estabelecer os fundamentos da nova arte cinematográfica.

Na quasi totalidade dos seus aspectos, o cinema inspirou-se na literatura, no teatro ou na pintura. Longe de ser uma arte autónoma, começou por ser subsidiária de tôdas as outras e ainda hoje o é numa medida muito maior do que geralmente se supõe.

A esta tendência se opuseram, por um lado o «cinema da vanguarda», por outro o filme cómico com todos os seus geniais precursores.

A farsa cinematográfica passa hoje por um período de crise. Não crise económica que, duma maneira geral, atinge tôda a indústria do filme, mas sim crise da imaginação e originalidade.

Um comentador dos fenómenos da nossa época não hesitará em filiar esta crise em tantas outras que dificultam actualmente a vida do homem. Que dúvida pode haver em que as graves preocupações da hora presente nos tenham tirado o sentido do cómico e nos privem do salutar recurso à gargalhada?

Um dos mais negros pecados do mundo moderno — para utilizar a ideia há tempo lançada por um semanário parisiense — é a tristeza. A humanidade, assoberbada por uma civilização ciclópica, perdeu a alegria sã de outras eras. O homem de hoje não ri. Quando muito sorri. E a sua imaginação, absorvida

Porque a verdade é que a farsa cinematográfica foi desde a sua origem independente da literatura e do teatro. Os processos que revelou não tinham precedente, não derivavam de quaisquer outros. Eram criações e não adaptações. E o mais notável é que essas criações, por um milagre de intuição, utilizaram desde logo, quasi integralmente, todos os recursos vastíssimos duma técnica nascente.

Este movimento criador tem á sua frente um nome justamente glorioso, em que nos habituámos já a consubstanciar a própria essência do cinema. Referimo-nos a Charlie Chaplin. Foram os seus filmes de duas bobines e os de alguns outros mais obscuros como Mack Sennett e Hal Roach que determinaram a evolução de tôda a arte cinematográfica.

A grande descoberta de Charlot e dos outros precursores foi a do valor expres-

sivo do movimento. Este facto distanciou-os imediatamente de tôdas as outras artes. Desde as farsas ingénuas em que os actores atiravam com pasteis de nata à cara uns dos outros entrava em cena um novo factor — o dinamismo, de que, hoje mesmo, ainda não conhecemos todo o poder de expressão.

CINEMACÓMICO

A CRISE DA FARSA

reflecte hoje as inquietações dum Mundo privado de alegria

E a prova mais flagrante de que essa nova arte era autónoma é que tôda a tentativa de transposição, resulta lamentável. Já experimentaram contar um gag cómico de Charlot, Harold ou Buster Keaton? É impossível fazê-lo com arte. O mais hábil dos conversadores falha completamente se se propuser fazê-lo. A comicidade dêsses gags reside essencialmente no movimento, e, privados dêste, êles perdem por completo o seu significado.

São numerosas as razões por que a farsa ocupa dentro do cinema um lugar distinto, inconfundível. Muitas delas derivam do que atrás dissemos. Esta situação excepcional faz com que a farsa tenha evoluído num sentido diverso de todos os outros géneros cinematográficos. Pela mesma razão a sua crise é hoje mais acentuada que a de todos êstes.

Raro é o mês — pode mesmo dizer-se a semana — em que os serviços de propaganda das grandes empresas não nos anunciem mais uma revelação, um novo nome que vai brilhar no firmamento de Hollywood e afrontar a sua difícil competição. Muitos dêsses artistas passam como meteoros, sem que deles fique sequer o rasto duma recordação. Mas outros ficam, e triunfam, e conhecem a celebridade. E são tantos, tantos que enumerá-los a todos seria fastidioso, se não fôsse quasi impossível.

Contudo, em trinta anos de existência, o número de grandes actores cómicos que o cinema nos tem revelado pode ainda contar-se pelos dedos da mão: Charlot, Harold, Buster Keaton, Max Linder, Larry Semon e poucos mais.

Donde provém êste facto? Para o explicar é preciso ter em conta o valor excepcional do cinema cómico, e as exigências que daí derivam para o actor.

Fazer rir é incomparavelmente mais difícil do que fazer chorar. E, contudo, a fronteira entre essas duas reacções da sensibilidade humana é por tal forma tênue e indefinível que uma inversão é sempre fácil. Charlot em «Luzas da Cidade», sensibiliza-nos com a sua *gaucherie*. E quantos actores dramáticos nos têm feito rir...

O bom filme cómico é hoje raro. Os artistas que se consagravam nêsse género difícil aparecem cada vez com menos frequência nas telas dos cinemas.

Quere isto dizer que o interesse do público pela farsa tenha diminuído? Não o cremos. Nunca houve talvez um desejo tão grande de rir, uma tão ansiosa pesquisa de motivos cómicos. O homem reage contra um número crescente de preocupações, procurando na arte a alegria, cuja falta se fez sentir.

O artista pertence, porém, ao público, reflecte os seus desejos e inquietações. É um produto do meio, e não uma entidade estranha a êle. E uma humanidade angustiada, a braços com dúvidas ter-



Laurel e Hardy, os dois cómicos que mantêm luta sem tréguas contra a tristeza que apassala o Mundo

ríveis, colocada perante um futuro sombrio, não pode gerar grandes artistas cómicos.

Daí a decadência da farsa, principal expressão do riso contemporâneo.

Um balanço superficial dos filmes cómicos apresentados nos últimos tempos dá-nos a prova real dessa decadência. As farsas escasseiam e a sua qualidade declina de modo ainda mais sensível. Charlot continua a produzir «com vagares de artista». Mas os seus filmes, ansiosamente esperados, demoram anos. De Harold há muito que se não ouve falar. E o mesmo sucede com outros mais.

Há nisto uma natural evolução. Após muitos anos duma esgotante ati-

vidade, êsses cómicos ilustres repousam. Mas o que é sintomático é que não tenham sido substituídos, que o seu género não se tenha renovado com a aparição de novos valores. E — como dissemos — não é de crêr que o ambiente seja pouco propício a essas revelações. Antes pelo contrário.

Cabe aqui registar uma excepção, que é, sem dúvida, a única a quanto acabamos de afirmar. Dois artistas norte-americanos, Stan Laurel e Oliver Hardy, mantêm aceso o fogo sagrado dessa difícil arte de fazer rir. Os filmes dos populares «Bucha e Estica» são, por isso mesmo, dos raros que vêm amenizar os programas com um humorismo que, se não satisfaz todos os gostos, não é por isso menos meritório.



Os americanos não hesitam para obter êstos cómicos em várias lindas mulheres. Esta ciulista inesperadamente arrota o ridículo duma queda para fazer aforar um sorriso aos lábios do espectador



Há muitos anos foi nosso representante em Paris o senhor visconde de Faria. Duma família nobre e duma grande inteligência foi brilhantemente que desempenhou este lugar, para o que muito contribuiu sua esposa, D. Maria do Ó de Portugal Faria.

Duma família nobilíssima, era dotada de grande inteligência, vivacidade e tacto diplomático, tendo conseguido uma alta situação na melhor sociedade parisiense. Esta senhora foi mais uma prova do que pode a influência feminina nos lugares de representação no estrangeiro e de quão grande auxiliar é a mulher, quando dotada de qualidades como esta senhora, para que seja o que deve ser a representação de qualquer país além fronteiras.

Este casal digno de toda a consideração a todos os respeito, teve quatro filhas e um filho.

Para tornar mais interessante a situação de Portugal em Paris nessa época, não pouco contribuiu a graça, beleza e elegância dessas quatro distintíssimas meninas, que uma esmerada educação mais interessantes tornava.

Essas senhoras foram e são as que ainda existem estimadíssimas na sociedade francesa, como são queridas entre nós.

A mais velha D. Maria do Carmo de Portugal de Faria, duquesa de Saint Georges de Armstrong, de quem hoje me ocupo especialmente, D. Helena de Portugal de Faria, condessa de Portugal de Faria, D. Júlia de Portugal de Faria, viscondessa de Silveiras, D. Maria Augusta de Portugal de Faria, condessa de Gonçalves Pereira, e o senhor António Portugal de Faria, marquês de Faria, que como seu pai seguiu a carreira diplomática, tendo desempenhado com o melhor êxito para os países de consul, em Livorno, no Uruguai e na Suíça. Camareiro secreto de Sua Santidade, Cavaleiro da Soberana e Militar Ordem de Malta, Cavaleiro do Santo Sepulcro, é o senhor marquês de Faria um ornamento da primeira sociedade da Europa, tendo um lugar de destaque em Roma, em Paris e em Lisboa sendo enorme a estima que lhe é dedicada nestas três capitais, sem falar da Suíça e de todos os lugares de elegância, que Sua Excelência frequentava antes de patrióticamente fixar a sua residência em Portugal, pátria sempre muito querida a-pesar-de ter vivido sempre no estrangeiro, ter casado em Itália com uma senhora de família distintíssima, dando assim o exemplo a tantos,

que, porque estão alguns dias fora do país, já não podem viver neste acanhado meio.

Escolhi o dia de hoje para tornar conhecida de todas as portuguesas a figura da

A alma portuguesa no estrangeiro

senhora duquesa de Saint Georges de Armstrong, porque é um dia de tristeza



D. Maria do Carmo de Portugal Faria, Duquesa de Saint Georges de Armstrong

e luto para os seus e para as pessoas que a conheceram.

Faz hoje precisamente um ano que esta senhora por todos os motivos tão distinta, faleceu em Buenos Aires onde tinha ido de visita às suas vastas propriedades.

Casou esta senhora em Paris em 1886 com D. Tomaz de Armstrong, rico proprietário argentino, de antiga fidalguia irlandesa, de quem enviuvou em 1910.

Não é para admirar que o rico e fidalgo argentino se tivesse enamorado da gentil portuguesa, que na sociedade parisiense brilhava não só pela sua grande beleza, mas também pela sua graça bem lusitana e pela maneira deliciosa como cantava e o encantador timbre da sua linda voz de soprano, que fazia notada em toda a parte

a encantadora portuguesa filha dos viscondes de Faria.

Depois de casada a sua vida dividia-se entre Buenos Ayres e Paris onde possuía um lindo palácio e em Nice onde é bem conhecida a "Villa Saint Georges".

Mas apesar de pela vida de seus pais e mais tarde pelo seu casamento viver

sempre afastada do seu país natal, esta senhora nunca deixou de ser bem portuguesa contribuindo sempre para várias obras humanitárias portuguesas, tendo sido agraciada com o Grande Oficialato da Ordem Militar de Cristo e com a Placa de Honra da Cruz Vermelha Portuguesa. Mas não eram só estas as condecorações que possuía. Além de Suas Majestades as rainhas D. Amélia e D. Augusta Victória, era realmente a única Dama portuguesa de Honra e Devoção da Ordem Soberana e Militar de Malta, à qual seu marido pertencia desde 1869. Muito afeiçoada à Santa Sé, dedicou-se sempre a obras religiosas pelo que foi agraciada com a Grã-Cruz da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalem, com a Cruz de Oiro Pró Eclesia et Pontífice e com a medalha Benemerente de Sua Santidade o Papa.

Era uma grande protectora dos pobres, socorria famílias e dava sempre esmolas, mas não gostava de dar a saber e não o fazia por ostentação.

Era uma verdadeira senhora de sociedade e duma afabilidade sem igual. Recebia todos com a maior gentileza, mas em se tratando de portugueses era com carinhoso interesse, que o fazia. Usando da maior delicadeza, tinha para com os seus patricios, uma verdadeira atenção que muito penhorava todos.

No seu palácio em Paris, nas salas da sua "villa" em Nice havia sempre portugueses, que eram recebidos com franca alegria e cumulos de gentilezas.

E' consolador ver como sempre o coração da mulher portuguesa se conserva fiel à Pátria e como apesar duma longa vida passada fora do país, com raras visitas de curta duração, a alma desta senhora illustre, que pela sua vida, pelo seu casamento, tinha todos os seus interesses ligados a outros países, nunca deixou de ter uma especial predileção pelo seu Portugal, que ela desejava cada vez mais forte.

Era uma verdadeira portuguesa a senhora duquesa de Armstrong que deixou de existir, neste mundo, a 16 de Julho de 1934.

Maria de Eça.

Quer ter uma visão

de Maurice Chevalier, Norma Shearer ou Clark Gable?

A ilustrar esta página reproduzimos três curiosos desenhos do artista japonês Keye Luke, que representam, de cima para baixo, Maurice Chevalier, Norma Shearer e Clark Gable.

Estes desenhos oferecem a particularidade de impressionar fortemente a vista pela opposição do branco e negro, o que faz com que a imagem se fixe na retina durante um certo lapso de tempo.

Esta circunstância permite realizar uma curiosa experiência. Basta olhar fixamente, a pequena distância, os quatro pontos existentes no centro de cada desenho, enquanto se conta lentamente até cinqüenta. Se depois disso, levantarmos os olhos e fitarmos uma parede ou qualquer outra superfície branca, ver-se-á projectada nela a imagem desenhada, com a diferença que onde existia negro aparece branco e vice-versa. O desenho actua assim como um negativo de que a retina nos devolve depois uma imagem positiva. Convem notar que a aparição não ocorre logo que se fita a parede branca, mas sim momentos depois.

Embora conhecida, esta experiência de óptica não deixa contudo de ter interesse tratándose de três actores que tantos admiradores contam entre nós.

Marlène Dietrich tem o direito, nos termos do seu contrato, de escolher os argumentos dos seus filmes e o realizador que deles terá de se ocupar.



ultra-moderno e que o papel de Marlène será dum género inteiramente novo. A verdade, segundo informam as pessoas que conhecem a intimidade do estúdio, é que a célebre artista se mostra mais entusiasmada que de costume. Vai ter ocasião, ao que parece, de usar "toilettes" mais sumptuosas do que nunca e está dirigindo a sua confecção juntamente com um grande costureiro de Hollywood, Travis Banton.

É de esperar que "O colar de pérolas" seja exibido em Outubro nas grandes capitais da América e da Europa, onde deve obter um extraordinário sucesso.

Estão a dar-se os últimos retoques em Berlim num filme intitulado "Stradivarius" que Geza von Bolvary realizou. O argumento inspira-se na história dum violino que o seu fabricante, o famoso António Stradivarius, ofereceu a Beatrice Amati, em meados do século XVII, na cidade de Cremona onde viveu. A acção decorre em 1914 na Itália e na Hungria. O atentado de Serajevo ocupa lugar importante na marcha dos acontecimentos, e um dos números de maior êxito deve ser o desfile de elegâncias da época de antes da guerra.

Os protagonistas são um oficial húngaro e uma joven violinista. Na versão francesa êsses papeis serão interpretados por Pierre Richard Willm e Edwige Feuillere; e na versão alemã por Gustav Fröhlich e Sybille Schmitz.

Sabe-se que Douglas Fairbanks interrompeu bruscamente a viagem de recreio que estava fazendo pelos mares da China e que regressou com a maior urgência que pôde a Hollywood.

O motivo que determinou esta modificação nos seus planos foi a notícia da inesperada saída de Joseph Schenk da direcção da "United Artists" e da sua entrada para a "Fox Film". Como se sabe, Douglas, com Mary Pickford, Charlie Chaplin e Samuel Goldwyn, são os fundadores da "United Artists".

"A guerra e a paz", uma das obras-primas de Leon Tolstói, vai ser adaptada ao cinema ainda este verão.

E. Engel terminou um filme que se intitula "Murein Romodian" e que parece recomendar-se pela sua originalidade. É interpretado por um único actor que apresenta três máscaras totalmente diferentes no papel de outras tantas personagens. O actor em questão é Rudolph Foster.



excessiva, ensina e disciplina as suas criadas, que as aconselha e orienta no melhor sentido, fazendo com que sejam mulheres conscienciosas e honestas, e não aquelas que fecham os olhos a tudo, que não ensinam nem adiantam, e sobretudo aquelas, que dizem: "Não tenho nada com a vida das criadas, fora de portas, façam o que quiserem", sem se lembrarem que são raparigas novas, na maior parte, que não têm junto delas ninguém que as estime e lhes dê um conselho, que muitas vezes evitaria que se perdessem como a tantas acontece.

Não devemos esquecer que antigamente na família cristã, quando se dizia a família, as criadas estavam incluídas e eu ainda não encontrei melhores princípios do que os cristãos. Esse hábito ainda existe no Norte onde se diz "a família, referindo-se aos criados.

Com as filhas, essa bondade passiva é até perigosa, deixando-as fazer tudo o que querem, deixa-se eivar a sua pequena alma de todos os defeitos.

Sem orientação, habituados a fazer só o que querem, aqueles que são criados por essas pessoas boas, são mais tarde na vida os maiores infelizes aqueles que sofrem as

maiores desilusões, e que são ensinados pelos baldões da sorte.

A bondade para ser perfeita tem de ser orientada no sentido prático de fazer o bem. Na própria caridade deve haver a compreensão do bem, e a pessoa que não pode dar a todos, que tem um orçamento limitado para as suas esmolas, não as deve atirar a torto e a direito, aos meios lostões que nada remedeiam, mas dedica-las a obras que são de utilidade social, ou a famílias verdadeiramente necessitadas.

A bondade deve, em todos os sentidos, ser racionalizada, estudar o feltio das pessoas com quem se vive, fazer-lhes felizes, sem contudo transigir naquilo que lhes é prejudicial, fazer o bem, mas o bem durável, aquele que tem consequências duradouras para aqueles a quem se faz e não um momentâneo bem, que nada de útil é.

A bondade é saber ver o bem dos outros e não fazer-lhes o que nos convem a nós, mas sim aquilo que a eles convem.

Ser bom é muito mais difícil do que parece, mas a mulher que tem sempre a obrigação de se aperfeiçoar deve estudar este assunto e dedicar-se a ser boa.

Maria de Eça

A moda

ESTAMOS NA época das termas, e das vilegiaturas no campo e na montanha. As «toilettes» a escolher têm de ser diferentes das «toilettes» de praia.

A indumentária de praia é actualmente muito especial e nada se parece com a das outras vilegiaturas. Nas águas e no campo há muito por onde escolher.

Para o campo vestidos ligeiros de «tobralco»,

PÁGINA FEMININAS

de etamine, umas malhas como agasalho, e, o guarda vestidos está logo bem guarnecido.

Para as águas não é a mesma coisa. Nós temos estações termas, como a Curia, Pedras Salgadas, Entre-os-Rios, Caldas da Rainha, que exigem «toilettes» para as senhoras que gostam de brilhar e fazer notar em toda a parte a sua elegância.

No género de «toilettes» de águas é preciso ir fornecida para todas as horas. É preciso vestir bem de manhã, à tarde fazer uma outra «toilette» e á noite ter com que variar, nos casinos onde a mulher elegante tem o seu lugar marcado.

Para a viagem e para as manhãs frescas e húmidas das nossas termas, temos aqui um modelo da maior elegância.

Um elegante e moderníssimo «tailleur» em lã Botany, esse delicioso tecido que se não estraga com o pó, nem apanha nódoas, fundo «beige» com o xadrez em castanho escuro e vermelho, botões em couro castanho.

O chapéu em palha «beige» é guarnecido com «cabachons» castanhos, as luvas em pele de cavalo castanhas e a carteira em couro da mesma cor, formam com a «echarpe» em fundo castanho e pintas «beige» um conjunto delicioso.

Para uma nebulosa manhã de termas temos uma encantadora «chandaille» em lã verde água. O «tricot» arrendado faz com que o seu uso seja muito agradável, porque sendo confortável não é quente demais, saia azul escuro e chapéu em «crochet» feito com lã ângora do mesmo tom.

Estas «toilettes» favorecem imensamente as



senhoras de tipo juvenil a quem o género simples no vestir vai sempre admiravelmente.

Para o concerto da tarde e para a volta no parque antes de jantar, damos um conjunto encantador. O vestido é feito em seda «imprimé» fundo azul escuro e os desenhos em branco. As mangas curtas, o decote e a borda do vestido são guarnecidas, com um plissado «acordéon» estreitinho que lhe dá leveza e graça. A capa em «Marcela» branca, — um tecido usado para os coletes de noite dos homens, — é feita em pétalas debruadas a azul escuro. É uma ideia original, que dá um lindo efeito e é prática, porque pôde ser usada com outros vestidos. Chapéu em palha grossa e brilhante azul escura. Para as noites de casino, um lindo modelo em «imprimé» que vai sempre tendo a maior voga.

Fundo preto e flores «cof-de-roche». Da cintura sae uma «draperie» em cascata, que garante e se desenvolve em cauda que está cada vez usando-se maior.

Uma senhora com estas quatro «toilettes» está vestida para alguns dias nas termas, e, levando umas blusas, pode fazer graciosas combinações, que lhe permitem variar de «toilette». A arte da mulher não está no muito variar, mas sim em escolher tecidos bons e um bom corte nos seus vestidos.

Higiene e beleza

HA pessoas a quem a água do mar corroe, por assim dizer, a epiderme. Uma mistura em partes iguais de azeite e de glicerina, aplicada sobre a pele e friccionada para penetrar bem,



até secar, é o bastante para evitar os inconvenientes da água salgada.

Igualmente para as peles delicadas, a seguinte recomendação. Nunca secar ao sol ao sair do banho. Quecendo evitar queimaduras, gretas, descamação, prurido, logo a seguir ao banho, ao sair do mar, friccionai-vos com uma flanela macia humedecida com a seguinte mistura, que se obtém juntando num frasco:

Tres partes de água de rosas, tres partes de tintura de benjoim, quatro partes de óleo de amêndoas doces. Em seguida pode estar-se á vontade á beiramar, sem o mais ligeiro receio de apanhar um golpe de sol, tão incómodo e doloroso. É necessário para que os banhos dêem um bom resultado, evitar esses pequenos inconvenientes.

Receitas de cozinha

Ervilhas á francesa:

Numa caçarola de tamanho médio deita-se um quilo de ervilhas (devem descascar-se á última hora) 125 gramas de manteiga, 10 de sal, 20 de açúcar, 12 cebolinhas pequenas, um ramo de salsa e bastante alface que seja tenra.

Mexe-se tudo para ligar bem: cobre-se e deixa-se ao ar durante uma hora. Na ocasião de se pôrem as ervilhas a coser, deitam-se-lhe quatro colheres de água fria (é inútil deitar-se-lhe mais água, pois a esta se junta a das próprias ervilhas).

Logo que comece a ferver tapa-se a caçarola com um prato concavo contendo um pouco de água.

Deve ferver fortemente durante trinta a trinta e cinco minutos. Terminada a sua cozedura, faz-se diminuir rapidamente a calda que sobrou, retiram-se os ramos de cheiro, ligam-se ás ervilhas quarenta a cinquenta gramas de manteiga, fóra do lume. Deita-se numa travessa guarnecida com folhas frescas de alface.

A mulher é sempre a mesma

AS belas egípcias, que usavam o cabelo curto e tinham horror á gordura, que cobriam a elegante linha do corpo com os mais leves tecidos, costumavam pintar, — como hoje o fazem as elegantes, — as unhas de vermelho e de ouro e as palpebras e olheiras de negro, azul ou verde, segundo a cor das pupilas.

As persas, até ao princípio da era cristã, uniam as sobrancelhas com um traço negro, persuadidas que eram assim mais bonitas.

Não concordariam por certo com a mania das senhoras de agora, que rapam as sobrancelhas. Quando Júlio Cesar voltou a Roma, triunfante com o seu enorme cortejo de escravas alemãs



e gaulesas, loiras e fulvas, todas as morenas romanas empalideceram de despeito, diante das rutilantes cabeleiras das escravas e por sua vez quiseram fazer brilhar ao sol de Roma cabeças doiradas como espigas de trigo.

E inventaram uma mistura de soda e potassa, secando os cabelos ao sol nos terraços romanos. As que preferiam meios mais rápidos ou que não conseguiram descolorar o cabelo, mandavam cortar os cabelos ás escravas, arrancando-lhes a beleza depois de lhes ter tirado a liberdade, e mandavam fazer cabeleiras.

As inglesas do século xu queriam ser pálidas á força. Jejuavam e chiavam a cara de branco e de cor de cinza. As francezas dessa época preferiam ser florescentes. Comiam e bebiam bem e iniciaram o uso do «rouge», que lhes dava o desejado aspecto.

As mulheres de hoje jejuam e passam inclemências para ser magras, sofrem verdadeiras torturas, mas usam «rouge» para parecer saudáveis.

A mulher ha-de ser sempre igual no seu anseio de beleza e de elegância. Os séculos passam as ideias renovam-se e a mulher aspira sempre a ser bela primeiro que tudo.

Pensamentos

Quando morre uma pessoa extremamente amada, os seus dias são prolongados pelo sobrevivente.

Condessa de Mathieu de Noailles

Os vivos têm sempre razão.

Schiller

Cão rosnador tem sempre as orelhas mordidas.

La Fontaine

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Moossilábico, de Miguel Caminha,

APURAMENTOS

N.º 29

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DR. SINAL

N.º 23

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO

N.º 19

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, de Bisnau; n.º 17, de Henriqueta.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 21. — Salustiano, 21. — Rei-Luso, 18. — Só-Na-Fer, 18. — Só Lemos, 18. — Magnate, 18. — Kábula, 18. — Sonhador, 12. — João Tavares Pereira, 12. — Silva Lima, 12. Lamas & Silva, 10. — Salustiano, 10. — Dona Dina, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 8.

DECIFRAÇÕES

1 — Mascara-máscara. 2 — Maco-côco-macoco. 3 — Basear. 4 — Pagela. 5 — Bravoso. 6 — Advento. 7 — Burrada. 8 — Congoxado. 9 — Rú-bida-ruda. 10 — Sapeca-saca. 11 — Apage-age. 12 — Bitafe-bife. 13 — Bagata-bata. 14 — Bonito-bôto. 16 — Preciso-prêso. 16 — Rufia-rua. 17 — Caída. 18 — Parrotada. 19 — Sertanejo. 20 — Al-jubarrota. 21 — Verter. 22 — VGT (Vegête). 23 — Do dinheiro e da verdade, a metade da metade.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) De modo que enfado a senhora com o meu feitio — (2-2) 3.

Coimbra José Tavares

2) Não «descanso» enquanto não mandar fazer um «falo» amplo. (2-2) 3.

Colares Maria Luíza

3) O frazer do chefe dos aguadeiros é a gaihofa. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

4) Quem revela as suas intenções é mensageiro do diabo. Portanto, não quero nada com eles: longe de mim! 2-3.

Coimbra John Biffe (C. C. C.)

5) O meu quinhão basta-me para comprar uma espécie de réde. 2-1.

Leiria Magnate

6) É inútil uma alma sem mérito. 2-2

Lisboa Micles de Tricles

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 38

SINCOPADAS

7) A minha discípula é uma linda «mulher»! 3-2.

Coimbra Avlis Yur (C. C. C.)

8) Todo o orgulhoso tem o seu «fim». 3-2.

Coimbra Bibé (C. C. C.)

9) Pobre marçano! nem sequer tem uma «colher» para comer a sôpa. 3-2.

Lisboa Ferjobatos

TRABALHOS EM VERSO ENIGMAS

(Ao meu Ex.^{mo} amigo Guilherme Faria, grande amador de enigmas deste género)

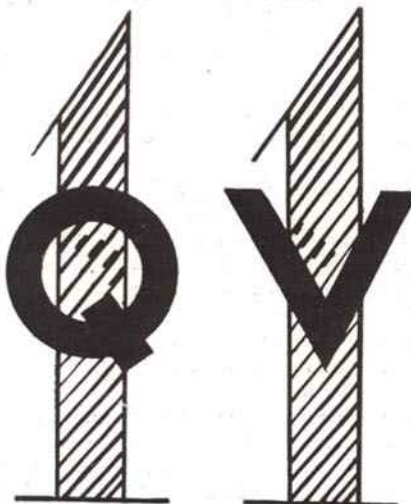
10) Há coisas cá neste Mundo
Difíceis de compreender;
Coisas que são paradoxos
Sem uma razão de ser...

Ora veja o meu amigo
Um motivo — sem razão:
— Vai pr'a dois anos que vivo
Das sôpas duma ilusão!

No Mundo existe uma vaga
Que ninguém preencherá;
De jeito que o mal das gentes
O termo jámais terá!

TRABALHOS DESENHADOS

18) ENIGMA PITORESCO



10000

E

Lisboa

Carlos Elmano

Eu desde que me conheço,
Desconheço o bem-estar;
— Nunca tive onde acoitasse
O meu vadio pensar...

Silva Pôrto-Bié Efonso

11) Com duas letras,
Que vogais não são,
Meto-me num barco
E tomo a direcção.

Luanda Ti-Beado

LOGOGRIFO

(Carta ao amigo José Madraço a propósito do novo horário do trabalho)

12) Amigo: Em o novo horário
Não vejo vantagem séria...
Mais empregos? Ao contrário...
Menos trabalho? Uma leria! — 5, 8, 7, 2.

Tanta exigência fazemos...
Esta foi muito infeliz!
Julgamos que nos benzemos,
E quebramos o «nariz!» — 1, 4, 7, 2.

Entendeu a Associação
Que é um trabalho exaustivo
Oito horas ao balcão?...
Acho bem. Saiba o patrão
Que é muito, que é excessivo. — 5, 2, 7, 4.

Novo horário! A ficçãozinha!
Quantos não vão festejá-lo
Ali em certa «igrejinha»
Que tem um «roxo» de «estalo»
É um jógo de laranjinha! .. — 3, 6, 7, 4.

Alastra por todo o Mundo
Uma guerra ao capital!...
Temos-lhe um ódio profundo!
... Os que não têm real...

Lisboa Pela cópia Braz Cadunha

MEFISTOFÉLICA

13) Quem adora o vinho,
Feiticeiro ou não,
Deve ter bom alinhô
E grande o coração. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

14) Todo o «homem» que granceja — 3
Quando ainda é solteiro,
A tóda a gente que o veja — 1.
Logo mostra que é brejeiro.

Lisboa Lord X

15) Vida que passa
Tempo que corre — 2.
Dor que esvoaça.

Qual luz que a brisa apaga e dilacera — 1
Ou «lor» pelo Sol ardente emurchecida
Pela estrada do Destino passa a Vida
Caminheira do Sonho e da Quimera,
Dor que esvoaça
Onda que rola
Vida que passa.

Lisboa Mimi Bârcia

SINCOPADAS

16) Lá com essa lenga-lenga
Já você não me arrebatá!
É a mesma que me impinge
A sua prima mulata... — 3-2.

Mafta Deka

(A «Rei-Fera», com muita simpatia)

17) Bons versos não sei fazer,
Terá pois que perdoar
Destas trovas tão singelas
A ousadia sem par.

E num sorriso gaiato
Eu venho depor aqui
Sem lisonja, nem mentira
As saudações da Mimi. — 3-2.

Lisboa Mimi Bârcia

Tóda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Artistas à vista

Não conhecem Francisco Branco e João Rosa Rodrigues, os dois artistas de autêntico valor que, há dias, realizam a sua exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes?

Fois aprendam a admirá-los que raras vezes surgem tais oportunidades. Francisco Branco apresentou vinte e seis oleos que nos falam das encantadoras paisagens de Portugal quer focando as vinhas do Outono, as olarias floridas, as lagoas pelo amanhecer ou a baixa-mar ao sol posto, quer surpreendendo as nuvens de trovoadas e os segredos ternos e graciosos das praias da Adraga e de Sezimbra, como só um poeta o saberia fazer. Francisco Branco escreve pintando e põe toda a sua alma nos seus poemas a óleo que todos nós devemos decorar.

João Rosa Rodrigues — o «aguaralista das mãos irresistíveis» — colocou-nos em frente de vinte e sete trabalhos que bastariam para fazer a representação dum artista. A «Manhã no Tejo»

João Rosa Rodrigues

tem vida, tem cor, tem movimento, e a «Pergola sobre o Nabão em Tomar» atrai-nos de tal maneira que nos desperta o desejo de



ir visitar a velha cidade do Convento de Cristo.

Eis, pois, dois artistas que temos o dever de tratar com toda a consideração e todos os respetos devidos a quem tem talento próprio e não carece de bezuntar telas a vermelho escarlate para dar o impressionismo parvo dum pôr do sol, nem andar a quatro pés pelo Chiado fóra para dar nas vistas e conseguir que bem ou mal se fale no seu nome.

Francisco Branco e João Rosa Rodrigues, discípulos do professor L. Battistini, honraram o mestre pintando o que viram com os seus olhos, com os olhos da sua alma de artistas, e como nós sentimos e como os nossos olhos, em adoração à Natureza, estão habituados a ver.

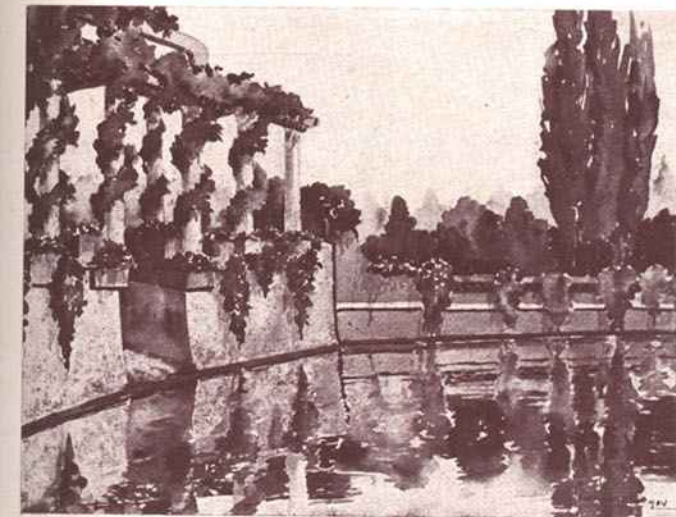
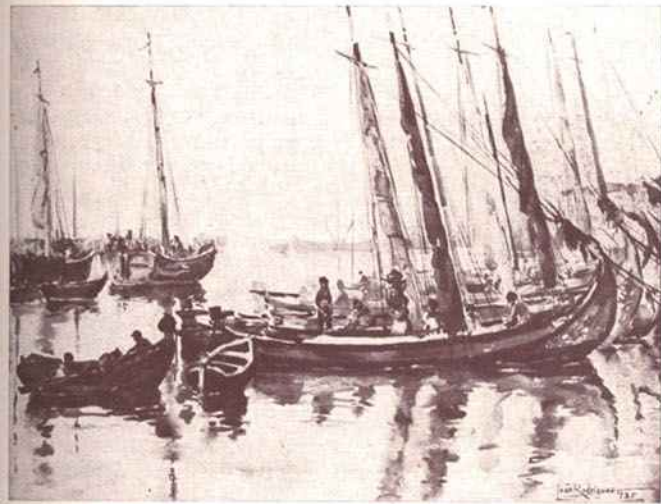
Francisco Branco



Retrato de madame Jaguaribe de Matos, primoroso óleo de João Reis

JOÃO REIS é hoje o príncipe herdeiro do grande trono artístico de seu pai, o eminente pintor Carlos Reis. Ante um dos seus últimos trabalhos — o retrato de Madame Jaguaribe de Matos — ficou-nos a convicção de que João Reis sabe honrar a gloriosa dinastia a que pertence. Devemos-lhe a nossa homenagem. Pois se as grandes capitais mundiais tributam a mais profunda admiração por Carlos Reis e seu filho — Paris ainda há pouco lhes deu as honras do «Salon» e os aplausos entusiásticos dos seus melhores críticos — não constituirá isto um legítimo orgulho para todos os portugueses amigos da sua Pátria e da Verdadeira Arte?

A esquerda: «Manhã no Tejo (Cais do Sodre)» e a «Pergola sobre o Nabão em Tomar» — aguarelas de João Rosa Rodrigues. A direita: «Rua de Santa Cruz do Castelo», e o «Amanhecer na lagôa de Fermentelos» — oleos de Francisco Branco



TAGARELAR E BRINCAR

JÁ vem de longe este costume das reuniões, a que a princípio se chamaram "igrejas", e mais tarde "clubs". A humanidade precisa de dar à língua, como precisa do pão para a bôca. E, vamos lá, que muitas vezes esta troca



de expansões tem dado resultados benéficos.

Não se trata d'esses comícios de soleira de porta, em que as bisbilhoteiras, não só tudo querem saber, mas ainda contar o que lhes vem à cabeça, denegrindo o seu próximo, assoalhando-lhe a vida pelas ruas da amargura, com muita mentirola à mistura.

Estes "clubs", espontâneos como as ervas daninhas, não têm estatutos nem exigem cotas.

Cada qual estabelece um regulamento para seu uso, segundo o seu modo de sentir: o curioso só quer inteirar-se do que se passa, o maldizente salpicar de lama a veste immaculada daquele que lhe atija a inveja, e o bonacheirão ouve tudo, mas tem sempre um "talvez não seja tanto como se diz", para adoçar os amargos comentários.

Mas estas charlas de senhoras visinhas não nos aquecem nem arrefecem, como diz o povo e nem valem a pena duma citação.

As reuniões a que Jesus Cristo presidiu como propulsor e que seus discípulos continuavam em sinal de homenagem à memória do Mestre, não precisavam de instalações apropriadas. Um pardieiro abandonado, o canto duma esquina, bastavam para a expansão colectiva dos seus membros.

De pé ou sentados numa pedra tôca, aqueles homens de tão sublime boa vontade ocupavam-se das necessidades do seu semelhante e levavam-no, com eloquentes demonstrações de utilidade, a associarem-se em agremiações cooperativas e de auxílio mútuo no desemprego e na doença.

Os "clubs", de agora tem edifícios luxuosos e elegante mobiliário, onde os seus componentes descansam das suas lides diárias, enterrados em cómodas poltronas, fumando charutos caros e pas-

sando em revista os jornais. Não se trata já, como no início das tagarelices em conjunto de fazer qualquer coisa em prol da sociedade, a não ser de quando em vez um bailarico de beneficência, pretexto para o rodopio de pares enamorados, ao mesmo tempo que na algibeira dos pobres cai um óbolo inesperado.

Agora êsses pontos de reunião são simples "cavacos", amigáveis, onde às vezes se discute arte e literatura com uma certa elevação de ideias, porque "clubs", há que contam na sua lista de associados nomes de valor em qualquer modalidade do talento.

E, francamente, mesmo que para mais não servissem, já muito valiam e muito bem se justificavam como centros de distração para o espírito, o que não é coisa de menos importância, porque a distração é o tónico da alma e da inteligência.

Uma não pode aguentar suas penas, sem um repouso periódico, e a outra nada



produz ou produz mal, não se refazendo com uma derivante de suas ocupações habituais.

Até há pouco eram só os homens que tinham a vantagem da conversa e dos jogos em comum, em centros adequados.

Mas lá por fora surgiram mulheres ousadas que se lembraram de ter também as suas salas para palestrar e já se contam alguns clubs só para senhoras.

É uma solução para o desejo de tagarelar, mas não é a melhor.

Muito mais conviria que os clubs fôsem mistos. Num século em que se pretende igualar o direito dos sexos, não há razão para que as conversas e os divertimentos não possam juntar-se, dando aos dois sexos uma boa ocasião de se conhecerem melhor espiritualmente, pela comunicação frequente de modos de ver.

Ambos os campos ganhavam com essa fusão de sociedades.

Se os homens se queixam de que a vida, sem mulheres, é um jardim sem flores, para as mulheres esta reunião, sem homens, deve ser como mês de Junho sem cravos. Uma sensaboria.

Deixem-se de tolices e juntem os trapinhos. Quero dizer: cheguem os "fauteuils", conversem e conheçam-se.

■

Nesta ordem de ideias, o caso mais interessante e fulcro principal desta crônica é a abertura de clubes infantis, aqui bem perto de nós, em Espanha.

É encantadora a lembrança, tanto mais que é dum interesse capital para a formação dos homenzinhos e das mulherzinhas do futuro.

As meninas aprendem brincando o serviço duma perfeita dona de casa, fazendo jantarinhos de boneca e arrumando salas e casinhas expressamente destinadas para tão útil brincadeira.

Depois bordam, costuram, e sem dar-se conta da massada de tôda esta aprendizagem quando menos esperam, têm concluída a educação doméstica.

Os rapazes se não têm ali uma prática de ofícios, podem adquirir conhecimentos elementares de construção e engenharia, com brinquedos propósitos e noções de pintura e escultura, tudo a rir e a folgar.

Uma biblioteca, com livros à altura do seu entendimento, reúne as crianças numa troca de impressões sobre as obras lidas, tornando-as capazes de afrontar mais tarde assuntos mais áridos e mais difíceis de penetrar.

Já havia, nomeadamente na Bélgica, os jardins de infância, onde as mães deixavam os pequenitos enquanto iam tratar da sua vida, e ali os distraíam com desenhos e construções, pelo sistema Froebel, retirando-os da estadia na rua e preparando-os, de algum modo, para o ensino primário.

Este clube que a Espanha agora lançou tem mais avançados objectivos e é frequentado por escolares também, como meio adjuvante de sua preparação para enfrentar a vida com tôdas as suas ciladas e falsas miragens.

Mercedes Brasco.



Diplomatas

O ilustre ministro da Noruega, em Portugal e a senhora de Finne Koren, ofereceram no palácio da legação, á Junqueira, na noite de terça-feira, 9 do corrente, um baile, em honra dos officiaes do navio de guerra norueguês «Olav Tryggvason», o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo-se dansado quasi sem interrupção até perto das oito horas da madrugada, ao som de uma eximia orquestra «jazz-band».

Pelas duas horas da madrugada, foi aberto o salão de mesa, sendo servida uma finíssima ceia, conservando-se o mesmo salão aberto até final. Houve também durante a noite serviço permanente de gelados e refrescos.

O aspecto dos vastos salões da legação da Noruega onde se encontram espalhadas grande número de preciosidades bem como o do terrasso, que se encontrava iluminado, com um renque de luzes, eram verdadeiramente encantadores, recordando-nos ter visto na selecta assistência além do comandante do vaso de guerra norueguês capitão de fragata Ali Hagbarth Jorgensen, e dos officiaes e aspirantes, as seguintes pessoas:

Dr. Euzébio Tamagnini e esposa, Paul de Gallye d'Hybouville e esposa, D. Carlos Martinez Orenve e D. Isabel Martinez Orenve, Dr. Abelardo Bueno do Prado e D. Nahir Bueno do Prado, Dr. Alvaro Teixeira Soares, Marquês de Lavradio e filhas, Condes de Monte Real e filhas, Condessa de Taboiera, Conde e Condessa de Carnide e filha, Conde e Condessa de São Mamede e filha, Conde e Condessa de Tovar, general Domingos de Oliveira e D. Eugénia Soares de Oliveira, general Daniel de Sousa e esposa, general José Vicente de Freitas e D. Beatriz de Freitas, general Ernesto Vieira da Rocha e D. Maria Filomena Lamas Vieira da Rocha, general Amílcar Pinto, D. Iracema Mesnier Pinto e filha, D. Lúcia Patrício de Fratel, D. Maria Luísa Graça Van-Zeller e filha, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha e filhas, D. Natália Muñoz y Puig, coronel Arrobias Machado e esposa, Luis Teixeira de Sampaio, Dr. Augusto de Vasconcelos, esposa e filha, Dr. Vasco de Quevedo, D. Maria de Quevedo e filha, Dr. Lebre Lima e esposa, Dr. Francisco António Correia, esposa e filha, Dr. Francisco de Calheiros e Meneses e D. Guita de Calheiros e Meneses, vice-almirante Adriano Sarmento de Saavedra e esposa, Eduardo Luis Pinto Bastos, D. Madalena Soto Maior Pinto Basto e filhas, vice-almirante Guilherme Ivens Ferraz, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz e filha, comandante António de Sequeira Braga, D. Maria da Glória de Sequeira Braga e filhas, Guilherme Pinto Basto e D. Branca de Atougua Pinto Basto, contra-almirante João de Oliveira Muzanty e esposa, contra-almirante Tito de Moraes, esposa e filha, comandante Manuel Quintão Meireles e esposa, comandante Manuel Mendes Norton e esposa, comandante Sebastião da Silva Monteiro e D. Maria das Dóres da Silva Monteiro, comandante Eduardo Rodrigues de Carvalho e D. Maria Amélia Rodrigues de Carvalho, comandante Moreira de Campos e D. Maria de Lourdes Moreira de Campos, Carl Husum e D. Maria do Carmo de Noronha Husum, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto Basto e filha, Tomaz Andreas Tolsen e irmã, Otto Wang, esposa e filhas, tenente coronel Augusto Esmeraldo Carvalhais, Dr. Carlos Pedro Pinto Ferreira e D. Aida Ferreira Pinto Ferreira, Karl Andersen e D. Maria de Vasconcelos de Abreu Andersen, comandante Policarpo Galeão Roma e D. Maria da Conceição Galeão Roma, comandante Fernando de Oliveira Pinto, esposa e filha, comandante Pedro António de Andrade Rodrigues, esposa e filha, tenente coronel Tomaz Mylle Fernandes e esposa, comandante Joaquim de Almeida e Cunha, Fridolf Wiase, esposa e filha, Dr. Luis de Navarro Socorro e D. Maenhild Berg Socorro, Artur Lloyndaz del Castillo e D. Nora Holmboe Lloyndaz del Castillo, Sigurd Hansen e D. Ingrid Hestnes, Ferreira, Domingos Henriques dos Santos e D. Astrid Clansen dos Santos, Odd Ellingsen, D. Ellen Brun dos Santos, Sigurd Dundas e esposa, Dr. Manuel Corte Real e D. Angélica Melo e Castro Corte Real, João de Castro Pereira e D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, Dr. Henrique Patrício Balsemão e D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Eugénia Franco Frazão (Penha Garcia), D. Elisa Melo e Castro (Pernes), capitão Luis de Santana e D. Izaura de Castro Araújo Santana, segundo tenente João Sales Henriques, segundo tenente Garcia Braga, capitão João de Almeida Ribeiro e esposa, capitão David Rosado e esposa, tenente Luis Soares de Oliveira, José Soares e esposa, Dr. Alexandre Magno Ferraz de Andrade e esposa, Dr. Augusto Mendes Leal e esposa, José Pinto Leite (Oliveira), Dr. João Ferreira da Fonseca, Luis Keil, D. Mary de Brito Keil e filha, Dr. Marcos de Fontes Pereira de Melo Fonseca, Dr. Eduardo Correia de Barros, D. Cândida Aires de Magalhães e sobrinha, Dr. Ernesto dos Santos Pastos e D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, António de Oliveira Calem e esposa, João do Carmo Valente Perfeto e esposa, Luis Oscar Jervell e irmã, Dr. Pedro Alvarez Ribeiro e esposa, D. Maria Pessanha Sequeira Braga, José Vianna da Mota e filhas, tenente Mário de Carvalho Nunes, Halvor Nicolay Wiborg, Herlof Dahll, Arne Hansen, senhora de Holmboe, Dr. Pedro Batalha Reis, Dr. António Leite de Faria, Dr. José de Almada e esposa, Maximo Serrão Correia e esposa, Leonel Raul Duval, Mademoiselle Langtangen, Mademoiselle Schjetan, D. Maria de Lóurdes Nogueira Tudeia, Sebastião e José Valente Teles da Silva (Tarouca), António Rugerone, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

O ilustre diplomata, esposa e gentil sobrinha acompanhados pelo pessoal da legação, Axel

VIDA ELEGANTE

Thingvold e Sigvald Wiborg e esposa, foram incansáveis de amabilidade para com os seus numerosos convidados, que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Casamentos

Realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.^a D. Aurea da Silva Pereira, gentil filha da sr.^a D. Ermelinda da Silva Pereira e do sr. Manuel Gomes Pereira, com o sr. Fernando Monteiro Guerra, filho da sr.^a D. Rita Monteiro Guerra e do sr. Joaquim Maria Guerra, já falecido.

Foram madrinhas a sr.^a D. Maria Augusta Rodrigues Teodoro e a mãe do noivo e padrinhos os srs. António Gomes Teodoro e José Augusto Ferreira.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguezia Monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia de Santos-o-Velho, realizou-se o casamento da sr.^a D. Paulina Ahrens Teixeira, interessante filha da sr.^a D. Maria Inocência Ahrens Teixeira e do sr. Carlos Justino



Madame Doris Barrett de Campos, filha do director do «Financial Times», esposa do tenente-coronel Julio de Campos, apresentada por D. Genoveva de Lima Ulrich, esposa do embaixador de Portugal em Londres

Botelho Moniz Teixeira, já falecido, com o sr. D. José de Melo Corrêa, filho da sr.^a D. Guilhermina Hintze Ribeiro de Melo Corrêa e do sr. D. Luiz de Melo Corrêa, já falecido.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. Dr. Mário Esteves e D. Luiz de Melo.

Ao acto presidiu o reverendo prior da freguezia, Monsenhor Fernandes Duarte, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Findo o acto foi servido na elegante residência do padrinho da noiva sr. dr. Mário Esteves, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos para a Quinta de São Paulo, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Para seu filho Adriano, distinto quintanista de medicina, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Berta Calheiros do Quental de Sande Salema, esposa do sr. Alexandre Campos de Sande Salema, funcionário superior da Administração Geral dos Correios e Telegrafos, a sr.^a D. Maria Amália Corrêa de Freitas Torres, gentil filha da sr.^a D. Maria da Madre de Deus Azevedo Coutinho Corrêa de Freitas Torres, e do sr. Jaime Torres, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

— Realizou-se na Basílica da Estrêla, o casamento da sr.^a D. Ofélia Beatriz da Costa Santos, interessante filha da sr.^a D. Maria José da Costa Santos a do sr. António dos Santos, já falecidos, com o sr. António da Costa Vilarinho, filho da sr.^a D. Etelvina Costa Vilarinho e do sr. Carlos Augusto Vilarinho.

Foram madrinhas a sr.^a D. Ana Cruz Ramito de Almeida Euzébio e a mãe do noivo e padrinhos o sr. Dr. José de Almeida Eusebio e o pai do noivo.

Presidiu ao acto o reverendo Cônego Bernardino António Cabrita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento para seu filho João, distinto engenheiro, pela sr.^a D. Ema da Gama Salgueiro Pinto da Costa, viuva do sr. Jorge Salgueiro Pinto da Costa, a sr.^a D. Maria Regina Anciães Proença Pereira do Vale, gentil filha da sr.^a D. Emília de Anciães Proença Pereira do Vale e do sr. Elísio Pereira do Vale.

A cerimónia deverá realizar-se brevemente.

— Presidiu pelo prior da igreja do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Eduarda Ricon Teixeira Botelho, interessante filha da sr.^a D. Helena Fanny Ricon Teixeira Botelho, e do general sr. José Justino Teixeira Botelho, com o sr. Manuel de Campos Leite, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos depois para o Gradil, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Clarisse de Jesus Horta, com o sr. Joaquim Marques Moreira, tendo servido de padrinhos as sr.^{as} D. Celia de Jesus Horta e D. Maria Jordão Silvestre Ceiga e de padrinhos os srs. Mário de Jesus Horta e Joaquim Silvestre Ceiga.

Finda a cerimónia que se efectuou na elegante residência dos pais da noiva, foi servido no salão de meza um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Castro Pope, interessante filha da sr.^a D. Maria Amélia de Castro Pope e do sr. Ernesto Pope, com o sr. Manuel José de Moraes, servindo de padrinhos por parte da noiva, sua mãe e seu primo o nosso colega na imprensa António Stubbs de Lacerda e por parte do noivo os srs. General João de Almeida Arez e o engenheiro António Cabral.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

D. Nuno.

Palavras cruzadas

1	7	11	15	17	19	24	30
8						25	29
2	12					26	
3	9				22		
4				20			
5		13	16	18	23		31
		14			21		27
	10					28	
6							

Horizontais:

1 — Obra literária portuguesa; 3 — Carvão quente; 4 — Não acompanhado; 5 — Traição; 6 — Não está em dia; 8 — Nome próprio; 10 — Homem notável entre os israelitas; 12 — Sorte; 14 — Rio da Europa; 20 — Grande escritor grego; 22 — Corpo metálico globular ou cônico; 23 — Metade; 25 — Parte essencial dos voadores; 26 — Progenitor; 27 — Andavam; 28 — Coma (como os ratos).

Verticais:

2 — Desisto; 7 — Pronome; 9 — Grande quantidade; 10 — Consoantes; 11 — Fóra!; 13 — Acaso; 15 — Odios; 16 — Cidade histórica religiosa; 17 — Nome próprio; 18 — Divisões do tempo; 19 — Afluente de um rio de Portugal; 21 — Parte do chapéu; 22 — Duas vezes; 24 — Profissão; 29 — Grande juiz da antiguidade; 30 — Espécie; 31 — Objecto que atrai.

Xadrez

(Solução)

Lance inicial: R — 5 B D

Se P:	Mate por 2:
T × C +	D × T +
T — 4 B R	D × T +
C — 4 R + (desc.)	C — 3 B D +
C noutra parte + (desc.)	F × T +
P — 4 R	C — 6 B R +
P — 6 D + (desc.)	T × D +
Qualquer outro	D — 4 B R +

Bridge

(Problema)

Espadas — A.
Copas — A., 2.
Ouros — A., 9, 3, 2.
Paus — — — —.

Espadas — R., 3.	N	Espadas — 6.
Copas — 7.	O	Copas — 8.
Ouros — 7, 6, 4.	E	Ouros — R., 8, 5.
Paus — 3.	S	Paus — R. V.

Espadas — 7, 5, 4.
Copas — 9.
Ouros — D.
Paus — A., 2.

Trunfo é copas. S joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga a Dama de copas e em seguida o valete de paus.

Se O entra com o Rei de paus faz a vasa e joga o Az de espadas que faz, por S se baldar ao 8 de copas. Qualquer carta que jogue O, todas as vasas serão feitas por S e N.



Se O, em lugar de jogar o Az de espadas, jogar o 6 de paus, N faz vasa e joga o 10 de ouros e quando S tiver a mão joga o 8 de copas, fazendo E a segunda vasa; as outras são de N e S.

Se O jogar o 9 de ouros, N entra de 10 de ouros. Quando S fizer a vasa, joga trunfo. N faz a vasa e joga copas, que E faz.

Se O não entra no Valete de paus de S, este joga o 8 de copas para E fazer o 10 de copas. E tem de jogar ouros. S ou N fazem vasa e vão jogando ouros até O cortar com o Rei de paus e as outras vasas serão de N e S.

Teatro flutuante

Um pintor soviético, Valentim Müller, originário duma colónia alemã sobre o Volga, vai construir, dentro em pouco, um teatro flutuante. Consistirá este num barco de três andares, cuja parte central será ocupada por uma sala de espectáculo de 600 lugares.

Na parte da frente do barco haverá uma biblioteca, bem como um museu, enquanto a parte detrás será disposta em habitações.

Este teatro funcionará ao longo do Volga, a fim de permitir que os kolkosianos daquelas regiões se iniciem na arte teatral.

Lamartine, criador de sanguessugas

Lamartine esteve por um triz a ser negociante de sanguessugas.

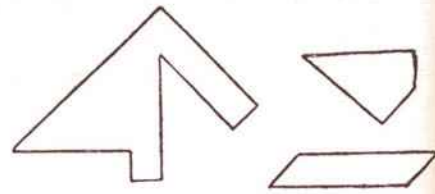
Foi na época em que os seus recursos financeiros eram menos que mediocres. Pensou utilizar as terras que possuía na Ásia-Menor e que lhe haviam sido dadas pelo sultão para ali fazer a criação de sanguessugas. Tinha já o orçamento pronto, contava com um rendimento líquido e anual de 35.000 francos, quando renunciou, de repente, a esse extraordinário projecto.

— Não, francamente, — disse ele aos seus amigos, — nunca poderia habituar-me a ver no meu papel de cartas, nos meus sobrescritos e na porta da minha casa esta inscrição:

«Afonso de Lamartine, criador de sanguessugas.»
E vendeu os terrenos.

Um jogo de paciência

(Passatempo)



Cortam-se as três figuras juntas e guiando-se por elas, com cada uma se recortam outras três exactamente iguais, de modo que tenhamos doze figuras, quatro de cada forma. Estas doze figuras devem depois reunir-se de tal maneira, que todas elas formem um octógono regular; isto é, um polígono de oito lados inteiramente iguais.

O «potlade»

Em quasi toda a Europa e especialmente em França, uma pessoa que é convidada por outra para um almoço, um jantar ou um passeio, considera-se obrigada a pagar essa gentileza com outra idêntica, e não deixará de retribuir sob pena de ser considerada sem educação.

Talvez este hábito venha a ter a sua origem num antigo costume barbaro chamado *potlade* e observado entre algumas tribus de índios da América do Norte.

O *potlade* pode ser geral ou parcial. Geral envolve toda a tribo e consiste no seguinte: Em determinadas épocas uma tribo tem o direito de se instalar no acampamento de outra por um certo prazo de tempo. Durante esse periodo, tudo ali pertence aos hospedes, que a deixam afinal despojada de tudo.

Mas a outra tribo pode proceder de igual forma com ela, após o periodo habitual.

Anedota

— Imagino que o Xavier, com quem dançaste toda a noite, te declarou, por fim, quais eram as suas intenções.

— Sim, mamã.

— E que te disse ele?

— Disse-me, que tinha resolvido não casar nunca.

Condescendência recíproca

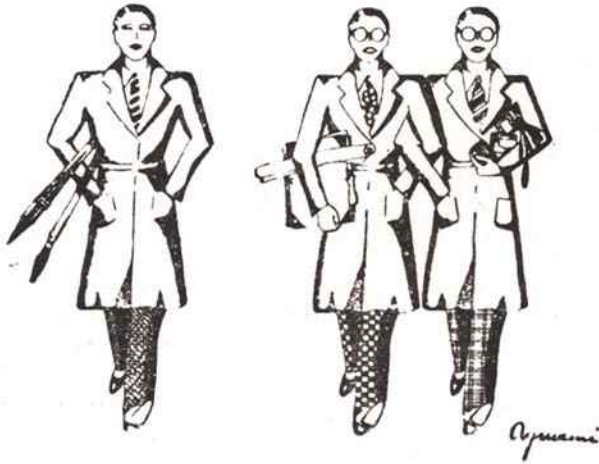


A patroa (despedindo a criada): — Vocemecê serviu-me muito mal, Joana, mas no entanto, eu darei de si boas informações.

A criada: — Está dito, minha senhora, e eu também direi sempre bem da senhora! (Do Windsor)

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Acaba de sair a 2.^a edição do

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . **12\$00** enc. . . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland uber alles — A ideia da força — A arte alemã — A Germania aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo de paz — A invasão da Inglaterra — Jellicoe — A arte e a guerra — A espionagem alemã — No coração da guerra — Soldados de Portugal — A caminho do «front» — No «front» — Na «trincha», etc.

1 vol. de 220 págs., broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro patriótico que desperta nas crianças o gosto pela História.

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.^a EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa a côres **10\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, **DIATERMIA**
e **Maçagens**. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone B 72

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO COELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... **5\$00**
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio** (Estudo experimental e clínico)..... **30\$00**
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra)..... **15\$00**
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóptico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

J. M. FERREIRA DO AMARAL

O paraíso bolchevista e... a mentira
UMA VIAGEM À RUSSIA

Os operários soviéticos — O trabalho da mulher na Rússia — As ruas e o seu movimento — O aspecto exterior das casas na cidade — O custo da vida — Habitações económicas — O vestuário — A propaganda soviética — Creches — Maternidade — A educação colectiva.

1 volume de 230 páginas, brochado..... **Esc. 10\$00**
Pelo correio à cobrança **11\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES
de **MARCELINO MESQUITA**

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.038 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, **35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

- AMBIÇÃO DUM REI** — romance histórico, por *Eduardo Noronha*, ilustrado com numerosas gravuras a cores, por *Manuel de Macedo* e *Roque Gameiro*. 3 vols. de 700 págs, cada, formato 28x19, broc. **45\$00**
- DRAMA DE AFRICA** — grande romance de sensação, por *Leite Bastos*. Obra revista, desenvolvida e completada por *Gervasio Lobato* e *Jaime Vitor*, 5 vols. com mais de 350 págs, cada um, e 21 grav. broc. **30\$00**
- DRAMAS DA ESPADA** — emocionante romance do grande escritor *Xavier Montepin*. 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ... **30\$00**
- EXILADOS DA TERRA** — grande romance de *André Laurie*. I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de *Jorge Roux*, 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28x19 **25\$00**
- HANIA** — romance de *Henrik Sienkiewicz*, seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc. **4\$00**
- HENRIQUETA** — romance por *François Coppée*, trad. de *Guiomar Torrazão*, 1 vol. de 250 págs. br. **10\$00**
- HOLANDA** — descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc. **10\$00**
- MELRO BRANCO** — aventuras de terra e mar, por *Julio Berrilli*, ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de *Julio Verne*. 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br. **30\$00**
- NO TEATRO E NA SALA** — por *Guiomar Torrazão*, com uma carta-prefácio de *Camilo*. 1 vol. de 328 págs., broc. **10\$00**
- OS QUARENTA E SETE CAPITÃES** — romance japonês, por *Tamenaga Shunsuy*, tradução de *Ribeiro de Carvalho*, 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc. **10\$00**
- RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL** — romance histórico por *Faustino da Fonseca*, 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 134 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc. **45\$00**
- SEM DOGMA** — romance de *Henryk Sienkiewicz*, seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de *Eduardo Noronha*, 2 vols. de 220 págs. cada, broc. **10\$00**

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

- Alguns aspectos da literatura portuguesa,** por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. 3\$00
- Comentário leve da Grande Guerra:**
- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. 10\$00
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10\$00
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. 10\$00
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. 10\$00
- Ensaio sobre educação:**
- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. 10\$00
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 págs., br. 10\$00
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. 10\$00
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10\$00
- Homem (O), a ladeira e o calhau.** — br. 10\$00
- Jardim da Europa.** — br. 10\$00
- Ler e tresler.** — br. 10\$00
- Lição moral e cívica,** dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais 3\$00
- O pintor Carlos Reis.** — 1 fol. formato grande 4\$00
- Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica.** — 64 págs., br. 3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

- CÓMICOS** (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00
- DOIDA DE AMOR** (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00
- D. PEDRO E D. INES** (Romance) — 322 págs., brochado... 12\$00
- D. SEBASTIÃO** — 464 págs., brochado 14\$00
- ESPAÑA** — Nova edição no prelo
- JORNADAS EM PORTUGAL** — 404 págs., brochado 12\$00
- LEONOR TELES** (Romance) — 395 págs., brochado 12\$00
- O PADRE SENA FREITAS** (Conferência) — 64 págs., broch. 3\$00
- RECORDAÇÕES E VIAGENS** — 328 págs., brochado 12\$00
- SENHORA DO AMPARO** — 292 págs., brochado 12\$00
- TOLEDO** (Impressões e evocações) — *Índice:* Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado 10\$00
- O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS** — 375 págs., brochado 12\$00
- A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER** — (Conferência) Esgotado.
- MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO** — (Discurso) Esgotado.
- MIRADOURO, Tipos e Casos** — 320 págs., brochado 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

3.^a EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

FOR JÚLIO DANTAS

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. .. 17\$00 broch. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O JÔGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

- ANATOLE FRANCE** (Estudo) — 79 págs., brochado 5\$00
- ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES** — 356 págs., brochado.. 12\$00
- ESTRADA DE SANTIAGO** (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado 12\$00
- FILHAS DE BABILÓNIA** (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado 12\$00
- O HOMEM QUE MATOU O DIABO** (Romance) — 353 págs., broch. 12\$00
- JARDIM DAS TORMENTAS** (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs., brochado 12\$00
- TERRAS DO DEMO** (Romance) — 332 págs., brochado 12\$00
- VIA SINUOSA** (Romance) — 360 págs., brochado 12\$00
- A BATALHA SEM FIM** (Romance) — 308 págs., brochado... 12\$00
- AS TRES MULHERES DE SANSÃO** (Novelas) — 268 págs., brochado 10\$00
- MARIA BENIGNA** (Romance) — 286 págs., brochado 12\$00
- É A GUERRA** — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado 12\$00
- ROMANCE DA RAPOSA**, 2.^a edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores 15\$00
- ALEMANHA ENSANGUENTADA**, 1 vol. de 312 págs., broc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00	
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00	
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00	
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00	
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50	
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00	
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00	
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00	
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00	
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00	
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00	
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00	
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50	

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**
1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA